



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA
CAMPUS I
CENTRO DE EDUCAÇÃO
DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA
CURSO DE GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA**

BRUNA GABRIELLY DOS SANTOS ALVES

**AS BRUXAS DA NOITE, VOZES FEMININAS NA SEGUNDA GUERRA MUNDIAL:
SUSSURROS EM UM CÉU SILENCIOSO**

**CAMPINA GRANDE
2024**

BRUNA GABRIELLY DOS SANTOS ALVES

**AS BRUXAS DA NOITE, VOZES FEMININAS NA SEGUNDA GUERRA MUNDIAL:
SUSSURROS EM UM CÉU SILENCIOSO**

Trabalho de Conclusão de Curso (Artigo) apresentado a/ao Coordenação /Departamento do Curso de História da Universidade Estadual da Paraíba, como requisito parcial à obtenção do título de Graduação em História.

Área de concentração: História e narrativa.

Orientador: Prof. Dr. Gildivan Francisco das Neves.

**CAMPINA GRANDE
2024**

É expressamente proibida a comercialização deste documento, tanto em versão impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que, na reprodução, figure a identificação do autor, título, instituição e ano do trabalho.

A474b Alves, Bruna Gabrielly dos Santos.
As Bruxas da Noite, vozes femininas na Segunda Guerra Mundial [manuscrito] : sussurros em um céu silencioso / Bruna Gabrielly dos Santos Alves. - 2024.
33 f.

Digitado.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em História) -
Universidade Estadual da Paraíba, Centro de Educação, 2024.

"Orientação : Prof. Dr. Gildivan Francisco das Neves,
Departamento de História - CEDUC".

1. Segunda Guerra Mundial. 2. Estudos de gênero. 3.
Bruxas da Noite. 4. Estudo da história das mulheres. I. Título

21. ed. CDD 305.4

BRUNA GABRIELLY DOS SANTOS ALVES

AS BRUXAS DA NOITE, VOZES FEMININAS NA SEGUNDA GUERRA MUNDIAL: SUSSURROS EM UM CÉU SILENCIOSO

Trabalho de Conclusão de Curso (Artigo) apresentado a/ao Coordenação /Departamento do Curso de História da Universidade Estadual da Paraíba, como requisito parcial à obtenção do título de Graduação em História.

Área de concentração: História e narrativa.

Aprovada em: 19 /11 /2024.

BANCA EXAMINADORA

Documento assinado digitalmente
 GILDIVAN FRANCISCO DAS NEVES
Data: 26/11/2024 09:13:23-0300
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Prof. Dr. Gildivan Francisco das Neves (Orientador)
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)

Documento assinado digitalmente
 PATRICIA CRISTINA DE ARAGAO
Data: 03/12/2024 18:40:54-0300
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Prof. Dra. Patrícia Cristina de Aragão
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)

Documento assinado digitalmente
 NATALIA SANTOS AMORIM
Data: 26/11/2024 09:06:51-0300
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Profa. Me. Natália Santos Amorim
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)

A todas as mulheres cujas vozes foram silenciadas em algum momento, DEDICO.

“(...) Quando voltar para casa nessa noite, contará à sua filha de 11 anos que as mulheres vão voar nos céus e combater os inimigos como homens. Ela também ficará feliz” (Armeni, 2019)

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	7
2	CAUSAS POLÍTICAS E ECONÔMICAS DA SEGUNDA GUERRA MUNDIAL: IMPACTOS SOCIAIS E PERSPECTIVAS HUMANAS	9
3	BRUXAS DA NOITE: A CONTRUÇÃO DA IMAGEM DA BRUXA E AS RELAÇÕES DE GÊNERO E PODER.....	14
4	BRUXAS DA NOITE: MEMÓRIAS, DESAFIOS E DESIGUALDADES NA SEGUNDA GUERRA MUNDIAL E NO PÓS-CONFLITO	16
5	CONCLUSÃO	32
	REFERÊNCIAS.....	33

AS BRUXAS DA NOITE, VOZES FEMININAS NA SEGUNDA GUERRA MUNDIAL: SUSSURROS EM UM CÉU SILENCIOSO

THE NIGHT WITCHES: FEMALE VOICES IN WORLD WAR II: WHISPERS IN A SILENT SKY

Bruna Alves^{1*}

RESUMO

Embora haja uma gama de estudos sobre a Segunda Guerra Mundial, existe uma lacuna significativa na consideração do papel das mulheres nesse contexto. Este artigo tem como objetivo analisar o papel das mulheres soviéticas na Segunda Guerra Mundial, com um foco particular nas Bruxas da Noite, e como elas desafiaram as normas de gênero em meio a um conflito de proporção global. A metodologia inclui a análise de duas obras literárias: *A Guerra Não Tem Rosto de Mulher*, de Svetlana Aleksievitch, e *Bruxas da Noite: A História Não Contada do Regimento Aéreo Feminino Russo Durante a Segunda Guerra Mundial*, de Ritanna Armeni. As Bruxas da Noite desempenharam um papel crucial no conflito, desafiando normas de gênero e evidenciando a persistência de estereótipos que as marginalizam. Apesar de suas significativas contribuições, suas memórias foram frequentemente relegadas ao esquecimento, ressaltando as dificuldades que as mulheres enfrentam para obter reconhecimento em esferas dominadas por homens. O estudo enfatiza a importância de uma memória histórica inclusiva que valorize as vozes femininas e sugere investigações futuras sobre as interseções entre gênero e memória em contextos de conflito.

Palavras-Chave: Segunda Guerra Mundial; Gênero; Bruxas da Noite; Memória.

ABSTRACT

Although there is a wide range of studies on World War II, there is a significant gap in considering the role of women in this context. This article aims to analyze the role of Soviet women in World War II, with a particular focus on the Night Witches, and how they challenged gender norms amid a conflict of global proportions. The methodology includes the analysis of two literary works: *War's Unwomanly Face* by Svetlana Alexievich and *Night Witches: The Untold Story of the Female Soviet Pilots Who Helped Defeat the Nazis* by Ritanna Armeni. The Night Witches played a crucial role in the conflict, challenging gender norms and highlighting the persistence of stereotypes that marginalize them. Despite their significant contributions, their memories were often relegated to oblivion, underscoring the difficulties women face in gaining recognition in male-dominated spheres. The study emphasizes the importance of an inclusive historical memory that values female voices and suggests future investigations into the intersections between gender and memory in conflict contexts.

Keywords: World War II; Gender; Night Witches; Memory.

^{1*} Graduanda em História pela Universidade Estadual da Paraíba.
E-mail: brunagabriellyads@gmail.com

1 INTRODUÇÃO

A Segunda Guerra Mundial, um dos conflitos mais catastróficos da história, irrompeu pelo mundo na metade do século XX. Foi desencadeada por uma série de fatores geopolíticos, econômicos e ideológicos. No período entre 1939 e 1945, o mundo esteve imerso em mais uma grande guerra para o Século XX, o que nos leva a pensar como este viveu em termos de guerra, como pontuam autores como Hobsbawn (1995). A Primeira Guerra Mundial (1914-1918) deixou o mundo em estado de fragilidade e instabilidade. A economia global estava abalada, e o Tratado de Versalhes de 1919, que impôs pesadas penalizações à Alemanha vencida, deixou feridas profundas na psique europeia. O nacionalismo extremo, a ascensão do fascismo na Itália e o nazismo na Alemanha, bem como a expansão imperialista do Japão na Ásia, foram alguns dos elementos que alimentaram o cenário que culminou na Segunda Guerra Mundial.

Em 1939, a invasão da Polônia pela Alemanha nazista marcou o início formal da Segunda Guerra Mundial. O mundo viu-se mergulhado em um conflito global de proporções épicas. Enquanto as potências do Eixo (Alemanha, Itália e Japão) almejavam a expansão territorial e a dominação, as potências Aliadas (Reino Unido, União Soviética, Estados Unidos e outros) buscavam resistir a essa ameaça.

No dia 8 de outubro de 1941, quando os nazistas estavam ganhando terreno em direção à União Soviética, Stalin emitiu um decreto que transformaria o curso da história, determinando que as mulheres voluntárias fossem lutar na guerra. No entanto, o ponto de virada ocorreria no ano seguinte, em 1942, quando uma pioneira da aviação feminina, a coronel Marina Raskova, propôs a formação de três regimentos de combate aéreo sem a presença masculina. Marina Raskova, reconhecida como a primeira aviadora do exército russo, mantinha laços próximos com Stalin, o que foi convincente em sua capacidade de persuadi-lo a autorizar a criação desses regimentos. A pedido dela, nasceram a divisão 586^o, 587^o e, especialmente, o 588^o Regimento de Bombardeio Noturno, mais tarde conhecido como "As Bruxas da Noite".

As mulheres, tradicionalmente relegadas a papéis domésticos e submissos, viram-se confrontadas com novas oportunidades e expectativas à medida que suas nações precisavam desesperadamente de mão de obra e habilidades em tempos de guerra. Enquanto homens partiam para a batalha, as mulheres assumiam funções cruciais em hospitais, fábricas e também na linha de frente do combate. As Bruxas da Noite, mulheres aviadoras militares, são um exemplo dessa mudança, desafiando ainda mais as normas de gênero ao enfrentar diretamente o inimigo nas asas de aviões de combate.

Ritanna Armeni (2019) destaca em sua obra que, além de enfrentarem os perigos do combate, essas mulheres "não tinham sido vítimas da história; ao contrário, haviam assumido um papel de primeira importância; tinham feito da guerra uma oportunidade de emancipação; tinham aproveitado o conflito para ampliar a própria esfera de liberdade". (Armeni, 2019, p.18) Elas não se contentaram com a igualdade na escola ou no trabalho, mas buscaram "a igualdade trágica e feroz das bombas e da morte", enfrentando aqueles que não reconheciam suas escolhas. Este esforço resultou em uma vitória pessoal e coletiva, como enfatiza Armeni (2019, p. 18 – 19): "Quando narravam suas aventuras, todas as bruxas repetiam com orgulho que tinham demonstrado valer mais do que os homens".

Essa transformação histórica é ainda mais relevante ao considerar que, apesar da importância do estudo sobre as histórias e memórias das mulheres no

contexto da Segunda Guerra Mundial, ainda existe uma lacuna sobre esta temática. De tal modo, ao realizar uma pesquisa no Dspace (UEPB) encontramos trabalhos acadêmicos existentes sobre a Segunda Guerra Mundial, mas que se concentram em aspectos específicos, como a participação da Paraíba no conflito, a exemplo do trabalho acadêmico intitulado “A participação da Paraíba na Segunda Guerra Mundial: a atuação no posicionamento político e na Força Expedicionária Brasileira (1942-1945)”, de Luzia Cruz Pereira, ou ainda “Segunda Guerra Mundial e o impacto na história de Picuí – PB: memória, modernidade e mineração (1943-1945)”, de Elielma da Silva Nóbrega. Além disso, há também um estudo que aborda a luta das mulheres coreanas, japonesas e chinesas contra o silêncio da escravidão sexual vivido no conflito. O trabalho é de autoria de Thaisa Daniel Agostinho da Silva e se intitula “A luta das mulheres japonesas, coreanas e chinesas contra o silêncio da escravidão sexual vivido na Segunda Guerra Mundial (1939-1945)”.

Não há nenhuma pesquisa disponível no Dspace que aborde a história das Bruxas da Noite. Isso nos levou a refletir sobre a necessidade de contribuir as discussões dessa temática e ampliar o entendimento sobre o impacto significativo de suas contribuições no contexto mais amplo da Segunda Guerra Mundial.

Ao longo das aulas de História Contemporânea na UEPB, foi notada ainda uma carência na abordagem do tema da Segunda Guerra Mundial, com ênfase na participação das mulheres. Isso reforça a motivação para conduzir essa pesquisa, uma vez que a História das Bruxas da Noite é essencial para uma compreensão mais completa e que dialogue com múltiplas vozes e narrativas e experiências.

O objetivo geral desta pesquisa é analisar o papel das mulheres soviéticas na Segunda Guerra Mundial, com um foco particular nas Bruxas da Noite, e como elas desafiaram as normas de gênero em meio a um conflito de proporção global. Para alcançar esse objetivo geral, os objetivos específicos são: 1) Analisar o contexto histórico e cultural que levou à criação das Bruxas da Noite durante a Segunda Guerra Mundial; 2) Discutir como as atividades militares, em papéis tradicionalmente masculinos, impactaram as percepções sobre as capacidades das mulheres no contexto da Segunda Guerra Mundial; e 3) Analisar como a percepção da guerra varia entre homens e mulheres, investigando como essas diferenças influenciam a representação histórica dos conflitos.

A escolha das obras de Svetlana Aleksievitch e Ritanna Armeni para análise se dá pelo seu caráter singular e pelo valioso conteúdo que oferecem sobre a participação das mulheres na Segunda Guerra Mundial, especialmente no contexto soviético. Ao explorar eventos significativos como esse, a intersecção entre história e literatura proporciona uma perspectiva multifacetada e rica para entender o passado. De acordo com Borges (2010, p. 94), "a história como conhecimento é sempre uma representação do passado e toda fonte documental para produzir esse conhecimento também o é". Neste sentido, obras literárias como "A guerra não tem rosto de mulher" de Svetlana Aleksievitch e "Bruxas da Noite: A História não contada do Regimento Aéreo feminino Russo durante a Segunda Guerra Mundial" de Ritanna Armeni não são apenas relatos de eventos históricos, mas construções culturais que refletem as experiências e perspectivas das mulheres durante o conflito. A análise dessas obras, alinhada com os conceitos de memória propostos por Le Goff (1990) e Durval Muniz (2009), e a discussão de gênero por autores como Joan Scott (2016), Zordan (2005) e outros, enriquecerá a compreensão do impacto social e cultural da guerra.

A análise dessas obras não é apenas pelo seu conteúdo factual, mas também pelo modo como elas articulam e interpretam esses eventos históricos

através de uma lente literária. Conforme destacado por Borges (2010, p. 94), a história cultural não se limita a estudar os eventos históricos, mas também "os mecanismos de produção dos objetos culturais", incluindo as obras literárias que não só narram, mas também interpretam e reinterpretam o passado. Para Chartier, citado por Borges (2010, p. 96), "todo documento, seja ele literário ou de qualquer outro tipo, é representação do real que se apreende". Isso implica que as obras literárias sobre história não são simples reflexos neutros da realidade, mas sim construções culturais que refletem as percepções e intenções de seus autores, assim como o contexto histórico e social em que foram produzidas.

Nesse sentido, é fundamental ressaltar a contribuição das obras literárias como fontes históricas. Conforme José de Assunção Barros (2012, p. 140-141), "seria preciso afirmar com convicção cada vez mais fortalecida que não mais deveriam interessar aos historiadores apenas as fontes de arquivo e as crônicas que dizem respeito à História Política tradicional. Qualquer vestígio ou qualquer evidência – dos objetos da cultura material às obras literárias, das séries de dados estatísticos às imagens iconográficas, das canções aos testamentos, dos diários de pessoas anônimas aos jornais – podia ser agora legitimamente utilizado pelos historiadores". A inclusão de obras literárias na pesquisa histórica enriquece a compreensão do passado, integrando diferentes formas de expressão e documentação que contribuem para uma visão mais completa e complexa da história.

Este estudo está estruturado em três seções. A primeira, intitulada "Causas Políticas e Econômicas da Segunda Guerra Mundial: Impactos Sociais e Perspectivas Humanas", aborda as origens políticas e econômicas do conflito, apresentando uma análise histórica que contextualiza a criação das "Bruxas da Noite" e destaca como a experiência feminina durante a guerra oferece uma perspectiva única. A segunda seção, "Bruxas da Noite: A Construção da Imagem da Bruxa e as Relações de Gênero e Poder", examina as mulheres historicamente rotuladas como bruxas, analisando as complexas interações entre gênero e poder. Por fim, a terceira seção, "Bruxas da Noite: Memórias, Desafios e Desigualdades na Segunda Guerra Mundial e no Pós-Conflito", investiga as memórias e desafios enfrentados pelas essas mulheres soviéticas, em particular as Bruxas da Noite, discutindo como suas narrativas sobre a guerra diferem das histórias contadas por homens e discutindo as desigualdades que persistiram até mesmo após o conflito.

2 CAUSAS POLÍTICAS E ECONÔMICAS DA SEGUNDA GUERRA MUNDIAL: IMPACTOS SOCIAIS E PERSPECTIVAS HUMANAS

"A guerra é um sofrimento íntimo demais, e tão infinito quanto a vida humana..."
(Svetlana Aleksievitch 2016, p.15)

A Segunda Guerra Mundial, um dos eventos mais catastróficos da História da humanidade, irrompeu pelo mundo na metade do Século XX. Adolf Hitler, figura central do nacional-socialismo na Alemanha, é muitas vezes apontado como o principal instigador do conflito. Como afirma o historiador Eric Hobsbawm:

Com as mais raras exceções, nenhum historiador sério jamais duvidou de que a Alemanha, Japão e (mais hesitante) a Itália foram os agressores. Os Estados arrastados à guerra contra os três, capitalistas ou socialistas, não queriam o conflito, e a maioria fez o que pôde para evita-lo. Em termos mais

simples, a pergunta sobre quem ou o que causou a Segunda Guerra Mundial pode ser respondida em duas palavras: Adolf Hitler.” (Hobsbawn, 1995, p. 35)

No entanto, a compreensão das raízes do conflito vai além de uma explicação simplista.

Durante o período entreguerras, a Europa estava mergulhada em uma atmosfera de instabilidade política e econômica, marcada pelo rescaldo da Primeira Guerra Mundial e pela ascensão de regimes totalitários. Este período foi caracterizado por uma série de crises, incluindo a Grande Depressão e o colapso das estruturas políticas tradicionais.

A crise econômica de 1930, exacerbada pelas políticas de austeridade adotadas por muitos países, contribuiu para o aumento do desemprego e da desigualdade social, aumentando o descontentamento popular e o surgimento de movimentos políticos extremistas. A Grande Depressão foi o terreno fértil para o crescimento do fascismo e do nazismo na Europa. Além disso, enfraqueceu significativamente a confiança no sistema capitalista, abrindo espaços para ideologias alternativas, como o socialismo, ganharem terreno, como aponta Hobsbawn:

A Grande Depressão de 1930 criou essa impressão, pois foi o desafio do fascismo que fez da URSS o instrumento indispensável para a derrota de Hitler, e em consequência, uma das duas superpotências cujos confrontos dominaram e aterrorizaram metade do Breve Século XX(...). (Hobsbawn, 1995, p. 15)

Nesse contexto de instabilidade, o expansionismo agressivo de regimes totalitários como a Alemanha nazista de Adolf Hitler se intensificou. A política de apaziguamento adotada por outras potências europeias, como a Grã-Bretanha e a França, apenas encorajou as ambições expansionistas de Hitler. Além disso a insatisfação pós-Primeira Guerra Mundial desempenhou um papel significativo na criação de um ambiente propício para o ressurgimento do militarismo e do nacionalismo em várias nações europeias. O tratado de Versalhes, que impôs pesadas sanções à Alemanha derrotada, foi amplamente visto como injusto e humilhante. Como observa Hobsbawn (1995, p. 35): “todo partido na Alemanha, dos comunistas na extrema esquerda aos nacional-socialistas de Hitler na extrema direita, combinava-se na condenação do Tratado de Versalhes como injusto e inaceitável.”

Ademais, as potências descontentes com o status quo político também desempenharam um papel crucial no desencadeamento do conflito. O Japão, por exemplo, buscava expandir sua esfera de influência no Extremo Oriente, sentindo-se subestimado pelas potências imperiais ocidentais, como aponta Hobsbawn:

O Japão, cuja industrialização avançava a passos largos, embora em tamanho absoluto a economia ainda fosse bastante modesta, sem dúvida achava que merecia uma fatia maior do bolo do Extremo Oriente do que as potências imperiais brancas lhe concediam. (Hobsbawn, 1995, p. 36)

Hobsbawn (1995) aponta que a invasão da Manchúria pelo Japão em 1931, a intervenção alemã e Italiana na Guerra Civil Espanhola em 1936-9, a invasão da Etiópia pelos Italianos em 1935, a ocupação alemã do que restava da Tchecoslováquia em março de 1939 (seguida pela ocupação Italiana da Albânia);

foram marcos miliários na estrada para a guerra. E as exigências alemãs à Polônia que levaram de fato ao início da guerra.

A inércia e a incapacidade das potências vitoriosas da Primeira Guerra Mundial em lidar eficazmente com as agressões de nações descontentes também contribuíram para o desenrolar da guerra. A não-intervenção diante das violações do Tratado de Versalhes e a relutância em confrontar as ações expansionistas da Alemanha Nazista e da Itália fascista deram espaço para a escalada do conflito. Como observa Hobsbawn:

Alternativamente, podemos contar esses marcos miliários de um modo negativo: a não-ação da Liga contra o Japão; a não-tomada de medidas efetivas contra a Itália em 1935; a não-reação de Grã-Bretanha e a França à denúncia unilateral alemã do tratado de Versalhes, e notadamente à reocupação alemã da Renânia em 1936; a recusa de Grã-Bretanha e França a intervir na Guerra Civil Espanhola (“não-intervenção”), à não- reação destas à ocupação da Áustria; o recuo delas diante da chantagem alemã sobre a Tchecoslováquia (o “Acordo de Munique” de 1938); e a recusa da URSS a continuar opondo-se a Hitler em 1939 (o pacto Hitler- Stalin de agosto de 1939). (Hobsbawn, 1995, p. 36)

A situação militar e política da época também desempenhou um papel crucial no desenrolar da Segunda Guerra Mundial. A estratégia alemã de Blitzkrieg¹, combinada com a ineficácia da resistência inicial das nações aliadas, permitiu que a Alemanha nazista conquistasse uma série de vitórias rápidas no início do conflito. A estratégia expansionista da Alemanha nazista ficou evidente com suas invasões sucessivas. O próprio Hitler via a conquista de um vasto império territorial oriental como um próximo passo lógico, como aponta Hobsbawn (1995, p. 38): “como todos os outros especialistas militares, com exceção dos japoneses, ele subestimou espetacularmente a capacidade soviética de resistir.” Ainda Segundo o referido autor: “Na primavera de 1940, a Alemanha levou de roldão a Noruega, Dinamarca, Países Baixos, Bélgica e França com ridícula facilidade(...)” (Hobsbawn, 1995, p. 37)

A busca por uma ofensiva ágil era uma característica proeminente da estratégia alemã. A Alemanha precisava de uma guerra rápida, como ressalta Hobsbawn:

A Alemanha (e depois o Japão) precisava de uma guerra ofensiva rápida pelos mesmos motivos que a tinham feito necessária em 1914. Os recursos conjuntos dos inimigos potenciais de cada um deles, uma vez unidos e coordenados, eram esmagadoramente maiores que os seus. (Hobsbawn, 1995, p.37)

Uma demonstração da Blitzkrieg foi a invasão da França e dos Países Baixos em maio de 1940. Usando as táticas da estratégia combinadas com a manobra ousada através das florestas das Ardenas, as forças alemãs conseguiram superar as defesas francesas e britânicas, alcançando uma vitória decisiva e rápida. Em poucas semanas a França estava rendida e ocupada, e a Grã-Bretanha enfrentava a ameaça iminente de uma invasão alemã.

¹ A Blitzkrieg, ou “guerra relâmpago”, foi uma tática empregada para alcançar vitórias rápidas e decisivas. Um exemplo emblemático foi a invasão da Polônia em 1939, onde as forças alemãs avançaram rapidamente pelo território polonês, cercando e derrotando as defesas polonesas de forma eficiente. Em questão de semanas, a Polônia estava ocupada, o que resultou – como dito anteriormente – o início da Segunda Guerra Mundial.

A invasão da União Soviética pela Alemanha Nazista em 22 de junho de 1941 foi um ponto crucial na Segunda Guerra Mundial, como observa Hobsbawn: “(...) 22 de junho de 1941, a data decisiva da Segunda Guerra Mundial; uma invasão tão insensata – pois comprometia a Alemanha numa guerra em duas frentes- que Stalin simplesmente não acreditava que Hitler pudesse contemplá-la (...)” (Hobsbawn, 1995, p. 38). Nesse contexto, destaca-se a figura de Viatcheslav Molotov. De acordo com Armeni (2019, p. 39): “Molotov é o número dois no Kremlin, o homem a quem Stalin confiou a política externa; o pacto de beligerância com os alemães, assinado apenas dois anos antes, leva seu nome.” Em meio ao caos desencadeado pela invasão, Molotov comunicou ao povo soviético: “Às quatro horas desta manhã, sem nenhuma declaração de guerra e sem que antes tenha sido feita qualquer reclamação à União Soviética, as tropas alemãs atacaram nossas fronteiras e nos bombardearam do céu...” (Armeni, 2019, p. 40).

Como se tem conhecimento, Stalin e Molotov nunca acreditaram na possibilidade do conflito. “Mas para Hitler a conquista de um vasto império territorial oriental, ricos em recursos e trabalho escravo, era o próximo passo lógico, e, como todos os outros especialistas militares, com exceção dos japoneses, ele subestimou espetacularmente a capacidade soviética de resistir.” (Hobsbawn, 1995, p.38)

Naquela manhã fatídica, conforme relata Armeni:

Às quatro da manhã, a artilharia alemã começou a atacar; que Stalin ordenou contra-atacar apenas quatro horas depois. Não sabem, por fim, que naquela manhã em que ouviram o anúncio da guerra, a Luftwaffe tinha abatido mais de 1.800 aviões, que estavam sobrevoando os territórios soviéticos e que as tropas do Führer já tinham atravessado as fronteiras (Armeni, 2019, p. 40-41)

Este relato destaca a urgência e a gravidade do momento, quando os territórios soviéticos já estavam sob intenso ataque alemão, enquanto Stalin demorava a ordenar uma resposta. Hobsbawn aponta que:

No início de outubro, estavam nos arredores de Moscou, e há indícios de que, durante alguns dias, o próprio Stalin ficou desmoralizado e pensou em fazer a paz. Mas o momento passou, e as simples dimensões das reservas de espaço, força humana, valentia física e patriotismo russos, e um implacável esforço de guerra, derrotaram os alemães (...) (Hobsbawn, 1995, p.38)

Diante do cenário de guerra, o esforço e o sacrifício da população soviética atingiram um momento crucial. Homens e mulheres trabalharam arduamente nos campos e fábricas, substituindo operários e camponeses. Contudo, apesar desse empenho conjunto, as mulheres encontraram uma barreira significativa ao tentar se alistar para o serviço militar. Enquanto o discurso socialista prometia igualdade com o homem, na prática, essa promessa esmorecia diante da guerra, que as queria apenas como “esposas, mães, irmãs ou, no máximo, enfermeiras e telefonistas.” (Armeni, 2019, p. 54). Foi nesse cenário que Marina Raskova, pioneira da aviação feminina, propôs a criação de três regimentos de combate aéreo sem a presença masculina. Marina Raskova, reconhecida como a primeira aviadora do exército russo, mantinha laços próximos a Stalin, o que foi convincente em sua capacidade de persuadi-lo a autorizar a criação desses regimentos. A jornalista Ritanna Armeni, revela a partir de uma entrevista baseada nas memórias de uma ex combatente e “bruxa”, Irina Rakobolskaja, detalhes sobre como Marina Raskova conseguiu persuadir Stalin:

A pátria socialista está em perigo; o inimigo não se deteve nos meses anteriores e agora está batendo nas portas de Moscou. Os alemães abateram milhares de aviões russos. O rompimento da linha de frente ocorreu justamente contra a força aérea soviética, que está semidestruída. Estão sendo feitos enormes esforços para reconstruir uma frota aérea. As mulheres, com a sua abnegação, se tornariam o símbolo do extremo esforço que todo o país está pronto a fazer (Armeni, 2019, p.65)

No entanto, Stalin inicialmente resistiu à ideia, temendo enviar mulheres para a linha de frente em um momento em que a União Soviética já sofria perdas significativas, aponta Armeni:

Stalin ouve com atenção, mas não concorda. (...) lhe diz, sem brutalidade, mas com clareza que sua ideia é irrealizável. (...) Mandar para a linha de frente mulheres jovens, na idade em que podem ser esposas e mães? E justamente no momento em que a pátria perde seus melhores homens? Não seria mais útil que as mulheres estivessem prontas para gerar filhos e substituir os trabalhadores nas grandes indústrias? (Armeni, 2019, p.65)

Além disso, havia preocupação sobre como a presença das mulheres poderia ser interpretada pela população, temendo que isso sugerisse fraqueza ou desespero por parte do governo soviético, aponta Armeni:

O que pensariam os homens se vissem mulheres combatendo nos céus? (...) Mulheres no comando de aviões de combate, em uma posição tão importante e delicada, inevitavelmente transmitiriam uma mensagem de perigo, confirmariam a ideia de uma derrota iminente. (Armeni, 2019, p.66).

Também havia receios sobre a dinâmica de convivência entre homens e mulheres nos campos de batalha, levantando dúvidas sobre a eficácia operacional dos esquadrões mistos:

A convivência entre homens e mulheres, com funções semelhantes ou até iguais – ela lhe propôs que se tornassem pilotas de bombardeiros, que dirigissem os caças e os outros potentes aviões da força aérea soviética -, seria um motivo ulterior para a desordem e a distração (...) em nenhum exército do mundo as mulheres combatem nos céus. Existem, sim, pilotas americanas, inglesas e francesas, mas sua tarefa é apenas verificar os aviões, leva-los para a linha de frente, entrega-los nas mãos de pilotos homens. (Armeni, 2019, p. 67)

No dia 8 de outubro de 1941, apenas alguns dias após a reunião de Marina Raskova com Stalin, em um momento em que Moscou se via cercada pela ameaça alemã, uma decisão histórica foi tomada: foi determinada a criação de três regimentos femininos. “O primeiro é composto de caças-bombardeiros; o segundo por bombardeiros e, por fim, o terceiro pelos Polikarpov, para o bombardeio leve noturno.” (Armeni, 2019, p. 67). Desta forma, se existia resistência à integração das mulheres por considerarem sua convivência com os homens arriscada ou problemática, então que se formem unidades exclusivamente femininas, como propôs Marina Raskova.

A guerra, que por muitas vezes, é narrada a partir de um ponto de vista masculino, escrita por homens e sobre homens, com foco em suas fachadas heroicas, também possui o seu lado feminino, com uma perspectiva única e

complexa. De acordo com Aleksievitch (2016, p. 12) “A guerra “feminina” tem suas próprias cores, cheiros, sua iluminação e seu espaço sentimental. Suas próprias palavras. Nela, não há heróis nem façanhas incríveis, há apenas pessoas ocupadas com uma tarefa desumanamente humana.”.

Ao abordarem as consequências humanas e sociais da guerra, as mulheres transcendem os aspectos puramente militares. Elas dão voz às histórias de perdas, sofrimento e reconstrução, destacando não apenas o custo em vidas, mas também as feridas emocionais e sociais que persistem mesmo após o fim dos combates. Sua perspectiva única lança luz sobre os aspectos menos visíveis, mas igualmente impactantes, do conflito armado.

Dito isto, no próximo tópico iremos discorrer sobre a construção da imagem da mulher bruxa e suas implicações nas relações de gênero e poder. Essa análise é fundamental para entender como as experiências das Bruxas da Noite, em meio às complexas dinâmicas sociais da Segunda Guerra Mundial, desafiaram os estereótipos de gênero e revelaram a força e resiliência das mulheres em um contexto de conflito. Assim, ao explorar essas interações, poderemos aprofundar nossa compreensão sobre as narrativas femininas que emergiram desse período tumultuado.

3 BRUXAS DA NOITE: A CONTRUÇÃO DA IMAGEM DA BRUXA E AS RELAÇÕES DE GÊNERO E PODER

“Eram tão fortes que na imaginação de quem as combatia, se tornaram mágicas e misteriosas como as bruxas.”

(Ritanna Armeni, 2019, p. 37)

As Bruxas da Noite, formalmente conhecidas como o 588º Regimento de Bombardeio Aéreo Noturno Soviético, ganharam notoriedade durante a Segunda Guerra Mundial por suas táticas de combate ousadas e inovadoras. Este grupo de mulheres pilotas utilizavam aviões biplanos e obsoletos e realizavam missões noturnas em que desligavam os motores para planar silenciosamente sobre os alvos, lançando bombas de maneira furtiva. A estratégia causava terror entre os soldados alemães, que as apelidaram “Bruxas da noite” devido à habilidade de atacar sem serem percebidas, quase como uma assombração. Armeni aponta:

A infantaria, com seus pesados equipamentos, tem de avançar mais de quarenta quilômetros por dia. Quando param, os soldados estão destruídos e esperam a noite como uma bênção, para finalmente poderem deitar-se e fechar os olhos por algumas horas. Em vez disso, ao cair da escuridão, quando começam a saborear um pouco de tranquilidade, esses malditos aviõzinhos surgem no céu de repente e despejam sobre eles uma bomba depois da outra. Até o amanhecer, em ritmo regular. O que desestabiliza as tropas (...) (Armeni, 2019, p. 11)

Esta alcunha refletia tanto a eficácia mortal quanto o caráter quase sobrenatural de suas operações, destacando os impactos psicológicos que suas ações tinham sobre o inimigo. A ideia de mulheres pilotando biplanos e realizando missões de bombardeio noturno desafiava profundamente as expectativas e preconceitos da época. Para muitos, era difícil aceitar que aquelas mulheres eram responsáveis por tantos danos e caos, exacerbando o temor e a surpresa do inimigo.

Como tal, o choque e a incredulidade se tornaram parte da narrativa associada às Bruxas da Noite. Como aponta Armeni:

Seria possível que biplanos, que parecem brinquedos, mas espalham tanto caos, sejam pilotados por mulheres? Seria possível que fossem elas a provocar, todas as noites, tanta destruição? O comando prefere não difundir a notícia; os homens não devem saber que são ameaçados por garotas soviéticas no comando de aviões de brinquedo. Seria algo insuportável para eles. (...) Seria possível que fossem mulheres? Tão competentes, ágeis, precisas, impiedosas? Tão indiferentes ao perigo? Chegam à noite, de repente, semeiam o terror e depois tocam novamente o céu. Misteriosas, fugidias, impossíveis de capturar. Parecem bruxas. Nachthexen, bruxas da noite. (Armeni, 2019, p.12)

A construção da imagem da “Bruxa” é um fenômeno complexo que possui raízes históricas profundas. É importante analisar que essa representação muda ao longo do tempo, passando por transformações significativas que refletem as mudanças nas percepções culturais e sociais associadas a ela.

Ao longo da história, a bruxa foi retratada de diversas maneiras, variando desde a imagem demoníaca e malévola, como é notável no “*Malleus Malleficarum*”, até representações mais complexas e vinculadas à natureza, como a visão proposta por Jules Michelet, como aponta Zordan (2005, p. 337): “Romântico, Michelet nos mostra a imagem da bruxa como exilada, morando sozinha em lugares ermos da natureza, exposta a intempéries, aos ventos fortes e às tempestades. Como uma ameaça à sociedade (...)”. A dualidade da bruxa, capaz de ser vista tanto como uma jovem sedutora quanto uma anciã misteriosa, destaca a ambiguidade e mutabilidade dessa figura ao longo do tempo.

É importante observar que a construção da imagem da bruxa está intimamente ligada a questões de gênero e poder. Qualquer demonstração de poder por parte das mulheres historicamente era vista como ameaça à ordem social dominada pelos homens. A bruxa assim, tornou-se um símbolo dessa ameaça, sendo associada a práticas consideradas “criminosas” e hereges pela igreja e pela sociedade. A repressão das mulheres que desafiaram as normas sociais e patriarcais frequentemente resultava em acusações de bruxaria e perseguições. Este rótulo foi utilizado para marginalizar e controlar aquelas que se desviavam das normas sociais estabelecidas. A denominação “bruxas” era muitas vezes associada as mulheres que praticavam formas de medicina ou religião alternativas, que tinham conhecimento de ervas e curas, ou que simplesmente eram vistas como diferentes ou independentes.

A bruxa, como aponta Zordan, é também representada como a encarnação do “feminino selvagem”:

Atribuem-lhe tantas coisas ruins que o *Malleus Malleficarum* afirma que “seus atos são mais malignos que os de quaisquer outros malfeitores”. Rompendo leis que certamente ignoravam, as bruxas encarnam tudo o que é rebelde, indomável e instintivo nas mulheres. Tudo aquilo que, nesse tipo de sociedade, demanda severas punições para que o feminino ‘selvagem’ se dobre ao masculino ‘civilizado’.” (Zordan, 2005, p. 332)

A demonização do termo “bruxa” pode ser amplamente atribuída ao “*Malleus Maleficarum*”, escrito no século XV, que apresentava a feiticeira como uma mulher que se entrega ao demônio para perverter a humanidade. Este tratado, escrito pelos dominicanos Kramer e Sprenger, estabeleceu uma ligação direta entre a heresia e a

feitiçaria, colocando a mulher como “agente favorita do Diabo devido à sua suposta fraqueza moral e espiritual.”. O manual foi utilizado amplamente na Europa ocidental durante a perseguição às feiticeiras, reforçando estereótipos e justificando calamidades como pestes e fome como castigos divinos provocado por essas mulheres. Como aponta Liebel (2014, sp):

A especificidade que o discurso misógino adquire no contexto cultural da Inquisição repousa sobre uma imagem do feminino construída por uma visão masculina extremamente pessimista, herdeira de tradições clássicas que foram acentuadas nos claustros medievais. A elaboração destes discursos apoiou-se sobre um fundo intelectual impregnado de aristotelismo, aliado ao pavor do sexo vivenciado por homens a quem se pregavam os valores da castidade e do celibato.

Desta forma a mulher, além de ser um ente negativo, representa uma tentação constante, devendo os homens dela se afastar se quiserem permanecer com seu espírito intocado. O conhecimento sobre o feminino é embasado em tradições clássicas e voltado a sua diminuição moral, com um respaldo pretensamente biológico, e dele a Igreja se utilizará para relacionar a mulher, responsável pela expiação das misérias dos homens, ao Demônio, figura indispensável no universo retratado.

Esse paralelo entre as mulheres denominadas “bruxas” e perseguidas na inquisição e as mulheres soviéticas denominadas “bruxas da noite” na Segunda Guerra Mundial, oferece uma perspectiva importante. Durante a inquisição, as mulheres rotuladas como bruxas eram aquelas que representavam uma ameaça à ordem social dominada pelos homens. Da mesma forma, as mulheres designadas como “bruxas da noite” durante a Segunda Guerra Mundial representavam uma ameaça às convenções tradicionais de papéis femininos ao desafiarem as normas de gênero participando na linha de frente do conflito armado global.

A construção da imagem da bruxa como uma ameaça à ordem social é evidente em ambos os contextos históricos. A resistência e a coragem dessas mulheres, rotuladas como bruxas nos dois períodos, destacam a persistência da luta contra as expectativas sociais ao longo da história. Ao pensar nas memórias dessas mulheres é crucial considerar o contexto de gênero. Isso implica considerar não apenas suas realizações, mas também as barreiras sociais e os estigmas que enfrentam.

4 BRUXAS DA NOITE: MEMÓRIAS, DESAFIOS E DESIGUALDADES NA SEGUNDA GUERRA MUNDIAL E NO PÓS-CONFLITO

“A representação do mundo, como o próprio mundo, é operação dos homens; eles o descrevem do ponto de vista que lhes é peculiar e que confundem com a verdade absoluta.” (Beauvoir, 1970, p.183)

No campo dos estudos históricos e das narrativas de guerra, a memória desempenha um papel crucial na preservação e interpretação dos eventos passados. Através da memória, tanto individual quanto coletiva, as histórias das pessoas que vivenciaram esses eventos são transmitidas e mantidas vivas. A jornalista Svetlana Aleksievitch em seu livro: *A guerra não tem rosto de mulher*, dá voz a franco-atiradoras, enfermeiras, garotas que pilotavam tanques, enfim, mulheres soviéticas que lutaram nas fileiras do exército vermelho durante a Segunda Guerra Mundial. Já a jornalista Ritanna Armeni, discorre sobre a história do 588º Regimento de Bombardeio Aéreo Noturno Soviético, chamadas de Bruxas da Noite, através das memórias da última Bruxa viva, matemática e física Irina Rakobolskaja

(1919-2016). Para analisarmos as memórias dessas mulheres soviéticas que participaram da Segunda Guerra Mundial, é essencial compreender o conceito de memória.

Para Le Goff, o conceito de Memória:

é um elemento essencial do que se costuma chamar identidade, individual ou coletiva, cuja busca é uma das atividades fundamentais dos indivíduos e das sociedades de hoje, na febre e na angústia. Mas a memória coletiva é não somente uma conquista, é também um instrumento e um objeto de poder. São as sociedades cuja memória social é sobretudo oral ou que estão em vias de constituir uma memória coletiva escrita que melhor permitem compreender esta luta pela dominação da recordação e da tradição, esta manifestação da memória. (Le Goff, 1990, p.410)

O conceito de memória, conforme expresso por Le Goff nos proporciona uma lente para analisar como as histórias das mulheres soviéticas na Segunda Guerra Mundial foram tratadas ao longo do tempo. A memória coletiva, essencial para identidade, é constantemente disputada, pois controlar a memória permite moldar crenças e comportamentos. Além disso, Le Goff aponta:

Finalmente, os psicanalistas e os psicólogos insistiram, quer a propósito da recordação, quer a propósito do esquecimento (nomeadamente no seguimento de Ebbinghaus), nas manipulações conscientes ou inconscientes que o interesse, a afetividade, o desejo, a inibição, a censura exercem sobre a memória individual. Do mesmo modo, a memória coletiva foi posta em jogo de forma importante na luta das forças sociais pelo poder. Tornarem-se senhores da memória e do esquecimento é uma das grandes preocupações das classes, dos grupos, dos indivíduos que dominaram e dominam as sociedades históricas. Os esquecimentos e os silêncios da história são reveladores desses mecanismos de manipulação da memória coletiva. (Le Goff, 1990, p.368)

Desta forma, Le Goff explora a complexa relação entre memória e poder, destacando como a memória individual e coletiva é suscetível a manipulações, onde a memória pode ser influenciada tanto de forma consciente quanto inconsciente. Esses processos de manipulação são moldados por diversos fatores, como interesse (o que uma pessoa ou grupo considera importante), afetividade (Emoções e sentimentos que afetam como lembramos), desejo (Aspirações e vontades que podem distorcer as memórias), inibição (Bloqueios que impedem certas lembranças) e censura (supressão de memórias indesejáveis). Controlar o que uma sociedade lembra ou esquece é fundamental para exercer domínio. As classes, grupos e indivíduos que possuem poder econômico, político e histórico, têm um interesse particular em se tornarem “senhores da memória e do esquecimento”, pois isso lhes permite moldar a narrativa histórica de acordo com seus interesses.

Ao explorar as complexidades da memória no contexto da Segunda Guerra Mundial, a obra “A guerra não tem rosto de mulher”, de Svetlana Aleksievitch, fornece exemplos vívidos de como a memória individual é profundamente influenciada por fatores psicológicos e sociais. Aleksievitch nasceu na Ucrânia em 1948, no período pós-guerra. Esse contexto teve um grande impacto em sua vida. Muitos membros de sua família morreram no *front*. Ela cresceu em uma vila predominantemente habitada por mulheres e foi através dessas mulheres que Aleksievitch ouviu as histórias sobre a guerra. Aleksievitch nos leva a considerar as vozes das mulheres que testemunharam o conflito e cujas memórias revelaram a influência da afetividade, do desejo e da censura sobre o ato de lembrar.

Um dos testemunhos apresentados é o de Marina Ivánovna Morôzova, uma exfrancoatiradora, que tem uma recusa de reviver o passado ao ser entrevistada pela autora, declarando: “Não, não vou. Voltar pra lá? Não consigo... Até hoje não assisto filmes de guerra...” (Aleksiévitch, 2016, p. 45). A aversão dela a reviver as lembranças traumáticas da guerra ilustra a influência das experiências e impactos destas sobre a memória individual. A dor e o sofrimento associados à experiência da guerra podem criar barreiras emocionais que moldam a forma como as pessoas se lembram, silenciam ou desejam esquecer dos eventos. Relembrar seria um reencontro com um passado doloroso.

Muniz (2009, p. 177), aponta:

Os historiadores, embora não deixem de ser, hoje, vendedores de passado, quase sempre, a preço vil, devem fazê-lo não a serviço do branqueamento, da limpeza, da assepsia do passado (...) Os historiadores devem ser agentes do luto social, aqueles que expõem o sangue derramado e o cheiro de carne calcinada para que eles clamem novamente contra a injustiça e o crime que os produziram. A história deve ser o trabalho com o trauma para que ele deixe de alimentar a paralisia e o branco psíquico e histórico, e possa levar à ação, à criação, à invenção, à afirmação da vida naquilo que ela tem de beleza.

Assim sendo, Durval Muniz argumenta que os historiadores devem atuar como agentes do luto social, expondo as injustiças e os traumas que moldaram a sociedade. Ele destaca que a amnésia social impede que eventos significativos sejam inscritos na memória coletiva, levando à negação de experiências dolorosas. Assim, a recusa de Morôzova em confrontar seu passado traumático pode ser interpretada como uma resposta a essa mesma pressão para esquecer. Ela representa a dificuldade de lidar com as violências que marcaram sua vida, evidenciando uma luta interna entre a necessidade de recordar e a vontade de escapar das memórias que causam sofrimento.

A obra de Aleksiévitch também relata o caso de uma mensageira (cujo nome não é mencionado pela autora). O marido dela (a contragosto) cede o lugar de fala a ex-mensageira, mas com a condição: “conte como eu te ensinei, sem chorar e sem essas ninharias de mulher, que queria ser bonita, que chorou quando cortaram a trança.”. A mulher revela ainda, um detalhe: “ele passou a noite estudando comigo um livro de história da Grande Guerra Patriótica, estava com medo por mim, e agora deve estar aflito que não me lembre direito, não me lembre do jeito certo.” (Aleksiévitch, 2016, p. 22). Os esquecimentos e os silêncios na história não são meras coincidências, mas sim resultados deliberados dos mecanismos de manipulação. Ao suprimir certas memórias e destacar outras, os detentores do poder conseguem influenciar a percepção coletiva do passado, reforçando seu domínio e legitimando suas posições. Le Goff (1990) nos alerta para o fato de que a manipulação da memória é uma ferramenta poderosa nas mãos daqueles que controlam as sociedades, revelando como o que é lembrado ou esquecido na história é profundamente político e intencional, perpassando também por questões de gênero. Nesse relato, encontramos a influência do desejo e da censura sobre a memória. O marido preocupado com as conclusões do relato de sua esposa, ilustra a complexidade de como as memórias individuais são moldadas por influências externas, onde o lembrar e o esquecer passam por crivos.

Ritanna Armeni em seu livro: *As Bruxas da Noite*, a história não contada do regimento aéreo feminino russo durante a segunda guerra mundial, ao analisar as memórias da última Bruxa, Irina Rakobolskaja, aponta: “Sei que a memória – até a

melhor delas – seleciona, apaga, sobrepõe.” (Armeni, 2019, p. 34). Quantas histórias foram caladas, reprimidas ou consideradas não essenciais?!

A História das guerras é frequentemente narrada por uma perspectiva masculina – como dito anteriormente, escrita por homens e sobre homens – destacando figuras heroicas, estratégias militares e batalhas épicas lideradas por homens. Quando a guerra é contada através de uma ótica feminina, a narrativa se expande para incluir experiências e perspectivas que são frequentemente negligenciadas. Nesse sentido, a análise de gênero se torna crucial. Cabral e Diaz (1998, p. 1) afirmam: “Gênero refere-se às relações sociais desiguais de poder entre homens e mulheres que são o resultado de uma construção social do papel do homem e da mulher a partir das diferenças sexuais.”

Essa citação destaca como as desigualdades de poder entre homens e mulheres são socialmente construídas a partir das diferenças sexuais. Ao considerar o gênero nesse contexto, percebemos que essas construções sociais influenciam profundamente as narrativas históricas, moldando as formas como as experiências e memórias são registradas e lembradas. A compreensão dessas dinâmicas é essencial para revelar como as relações de poder são estabelecidas e mantidas ao longo do tempo, influenciando a percepção e a valorização das contribuições de diferentes gêneros nas histórias de guerra.

Joan Scott (2016, p. 23) destaca:

O gênero é, portanto, um meio de decodificar o sentido e de compreender as relações complexas entre diversas formas de interação humana. Quando os(as) historiadores(as) procuram encontrar as maneiras como o conceito de gênero legitima e constrói as relações sociais, eles/elas começam a compreender a natureza recíproca do gênero e da sociedade e das formas particulares, situadas em contextos específicos, como a política constrói o gênero e o gênero constrói a política.

Nesse contexto, Scott ressalta a importância de considerar o gênero não apenas como uma categoria analítica, mas como um princípio que permeia as narrativas históricas. Ao examinar como as mulheres vivenciaram e lembraram a guerra, percebemos que suas memórias são frequentemente moldadas por expectativas sociais sobre seus papéis e comportamentos. Enquanto os homens são habitualmente treinados para o combate e têm suas experiências de guerra legitimadas como parte de uma narrativa heroica e estratégica, as mulheres são vistas como portadoras de uma memória influenciada por cuidados, perdas e sacrifícios pessoais. Isso se deve em parte às expectativas sociais que historicamente relegaram as mulheres a papéis de apoio e cuidado, enquanto os homens eram encorajados a assumir papéis ativos no campo de batalha.

Como resultado, as memórias das mulheres frequentemente refletem preocupações com o cuidado dos feridos, a gestão de recursos escassos e o impacto emocional dos conflitos, como a perda de entes queridos e as dificuldades diárias de sobrevivência. A partir das memórias femininas da guerra, podemos ampliar nossa compreensão dos impactos humanos dos conflitos, além das narrativas convencionais de estratégia e heroísmo masculino. Isso desafia as normas históricas que tendem a simplificar a guerra como um conjunto de eventos militares estratégicos, destacando em vez disso as complexidades emocionais e sociais que permeiam as vidas das pessoas envolvidas, independentemente do gênero.

Aleksievitch (2016, p.20) aponta:

Eu até diria que a guerra “feminina” é mais terrível que a “masculina”. Os homens se escondem atrás da história, dos fatos, a guerra os encanta como ação e oposição de ideias, diferentes interesses, mas as mulheres são envolvidas pelos sentimentos. E mais: desde a infância, os homens são preparados para que, talvez, tenham que atirar. Não se ensina isso às mulheres... elas não se aprontaram para fazer esse trabalho... E elas lembram de outras coisas, ou lembram de outra forma. São capazes de ver o que está escondido para os homens.

Desta forma, a autora ressalta a profundidade emocional e a singularidade da experiência feminina na guerra. As mulheres, muitas vezes não preparadas para o combate físico, enfrentam a brutalidade do conflito de maneiras que desafiam as expectativas sociais e culturais. Elas trazem à tona histórias frequentemente ocultas, revelando o impacto emocional profundo e os sacrifícios pessoais envolvidos. Enquanto os homens podem ser treinados para o combate e ver a guerra como uma série de batalhas e vitórias, as mulheres oferecem uma perspectiva centrada nos sentimentos e nas perdas humanas.

Essas memórias femininas frequentemente destacam aspectos que vão além do campo de batalha, como a luta para manter a família unida e a resiliência diante das adversidades. As mulheres lembram-se de detalhes que frequentemente passam despercebidos pelos homens, como a dor de perder entes queridos, o desafio de encontrar alimentos e a constante preocupação com a segurança dos filhos. Essas experiências revelam uma dimensão da guerra que não se limita às táticas militares, mas que inclui também as estratégias de sobrevivência cotidiana e a gestão das crises emocionais e físicas.

As narrativas femininas da guerra oferecem uma visão distinta e profundamente humana sobre os horrores e as complexidades do conflito. Em contraste com as histórias convencionais que enfatizam os feitos heroicos e as estratégias dos homens, os relatos das mulheres que viveram a guerra nos convidam a explorar as dimensões pessoais e emocionais que moldaram suas vidas durante o período turbulento da Segunda Guerra Mundial. Exploraremos algumas dessas narrativas no livro "A guerra não tem rosto de mulher", da autora Svetlana Aleksievitch. Os relatos a seguir nos levarão ao coração das vivências femininas durante a guerra:

Alguém nos entregou... Os alemães descobriram onde ficava o acampamento dos partisanos. Cercaram a floresta e fecharam as passagens por todos os lados. Nos escondemos em um matagal fechado, fomos salvos pelos pântanos onde a tropa punitiva não entrava. Um lodaçal. Ele encobria muito bem tanto as pessoas quanto os equipamentos. Passamos alguns dias, semanas, com água na altura do pescoço. Havia conosco uma operadora de rádio que tivera um filho havia pouco tempo. A criança estava com fome... Pedia o peito. Mas a própria mãe estava passando fome, não tinha leite, e a criança chorava. Os soldados da tropa punitiva estavam por perto... Tinham cachorros... Se os cachorros escutassem, todos nós morreríamos. Todo o grupo, umas trinta pessoas. Entende? O comandante tomou a decisão... Ninguém se animava a transmitir a ordem para a mãe, mas ela mesma adivinhou. Foi baixando a criança enroladinha para a água e segurou ali por um longo tempo... A criança não gritou mais... Nenhum som... E nós não conseguíamos levantar os olhos. Nem para a mãe, nem uns para os outros... (Aleksievitch, 2016, p.32)

Este relato destaca a experiência de ser mãe em um contexto de guerra, revelando como esse papel é profundamente moldado pela brutalidade do conflito. A mãe, forçada a tomar uma decisão inimaginável para proteger sua criança,

exemplifica a resistência que surge em meio ao desespero. O instinto maternal, em situações extremas, se transforma em uma forma de luta pela sobrevivência, mostrando que a maternidade não é apenas um símbolo de fragilidade, mas também de força e resiliência. Essa mulher, ao enfrentar a fome e o terror, desafia as expectativas sociais e os papéis tradicionais, mostrando que, mesmo em circunstâncias adversas, as mães se tornam agentes ativos em sua própria narrativa. A escolha de silenciar a criança para salvá-la revela a complexidade do amor maternal, que, embora repleto de dor, é também uma manifestação de coragem e proteção em meio ao caos da guerra. Após refletirmos sobre a maternidade em meio à guerra, o próximo relato nos apresenta a realidade de ser criança em meio ao conflito:

De manhã, as tropas punitivas queimaram nossa aldeia... Só quem correu para a floresta se salvou. Saíram correndo sem nada, com as mãos vazias, nem pão levaram. Nem ovos, banha. À noite a tia Nástia, nossa vizinha, batia na filha porque ela ficava chorando o tempo todo. Tia Nástia estava com seus cinco filhos. A Lúlietchka, minha amiguinha, era bem fraquinha. Estava sempre doente... E os quatro meninos, todos pequenos, também pediam para comer. A tia Nástia ficou louca: 'U-u-u... U-u-u...'. À noite, escutei... Lúlietchka estava pedindo: 'Mamãe, não me afogue. Não vou... Não vou mais pedir comidinha para você. Não vou...'. De manhã, ninguém mais viu a Lúlietchka... A tia Nástia... Voltamos para o povoado carbonizado. O povoado fora consumido pelo fogo. Logo a tia Nástia se enforcou na macieira negra de seu jardim. Se enforcou bem baixinho. Os filhos estavam ao lado dela, pedindo para comer... (Aleksiévitch, 2016, p.36)

Este relato revela as profundas violências que marcam a infância durante a guerra, expondo como o conflito transforma a inocência em desespero. A criança, representada na figura de Lúlietchka, vive um cotidiano repleto de fome e medo, refletindo a vulnerabilidade das crianças em tempos de crise. A cena em que ela implora para não ser afogada em meio à dor da fome destaca o abismo entre a infância e a realidade brutal da guerra. A pressão emocional sobre a tia Nástia, que se vê em um estado de loucura diante do sofrimento de seus filhos, evidencia como a guerra desestrutura não apenas as famílias, mas também a própria infância. Essa narrativa convoca uma reflexão sobre as consequências do conflito, revelando como as crianças são forçadas a lidar com experiências traumáticas que deveriam ser inimagináveis para sua idade, tornando-se testemunhas e vítimas de uma violência que as marca para a vida toda.

O relato a seguir, de Larissa Leôntievna Korótkaia, ilustra o sofrimento coletivo em um enterro de partisanos:

Na guerra tem enterro o tempo todo... Enterros de partisanos aconteciam sempre. Ora um grupo caía numa emboscada, ora alguém morria em combate. Vou contar um enterro... Houve uma batalha muito encarniçada. Perdemos muita gente; eu também fui ferida nessa batalha. Depois do combate, fizeram os enterros. Em geral, diante do túmulo faziam um discurso curto. Primeiro falavam os comandantes, depois os amigos. Entre os mortos havia um rapaz da região, e a mãe dele veio ao enterro. Ela começou a chorar: 'Meu filhinho! E nós que estávamos fazendo uma casinha para você! Me jurou que ia trazer sua noiva! E em vez disso, está se casando com a terra...'. A filha estava em silêncio, todos calados, ninguém tocava nela. Depois ela levantou a cabeça e viu que não era só o filho dela que tinha morrido, havia muitos jovens ali, e ela começou a chorar pelos filhos dos outros: 'Meus filhinhos queridos! Suas mãezinhas não viram

vocês, não sabem que estão debaixo da terra! E a terra é tão fria. É um inverno gelado. Então vou chorar no lugar delas, vou lamentar por todos vocês. Meus queridinhos... Adorados...'. Foi só ela dizer: 'Vou lamentar por todos vocês' e 'Meus queridinhos' que todos os homens começaram a chorar alto. Ninguém conseguiu se segurar, não tivemos forças. A fila ficou soluçando. Então, o comandante gritou: 'Uma salva!'. E a salva abafou o som de todos. Isso me deixou estupefata, e até agora penso nisso, na grandeza do coração dessa mãe. Em um momento de dor tão imensa, quando estavam enterrando seu filho, ela ainda teve coração para chorar pelos filhos dos outros... Chorar como se fossem seus...

Larissa Leôntievna Korótkiaia, partisan. (Aleksiévitch, 2016, p.345)

No relato de Larissa Leôntievna Korótkiaia, a cena em que o comandante ordena uma salva de palmas para abafar o choro dos soldados após o discurso emocionado da mãe enlutada podemos analisar a manipulação da memória coletiva, conforme discute Le Goff (1990). A censura implícita pode ser observada na tentativa de redirecionar as emoções dos soldados para um gesto de homenagem coletiva, afastando-os da expressão individual prolongada de tristeza. Essa manipulação da memória coletiva durante o enterro não só controla as emoções imediatas dos soldados, mas também molda a narrativa histórica ao destacar o sacrifício heroico e a unidade do grupo em vez das profundas angústias individuais e coletivas.

Após a imersão nessas histórias, é evidente que as mulheres que viveram a guerra não apenas testemunharam eventos históricos, mas também experimentaram uma gama de emoções profundas e complexas. Através desses relatos, podemos entender a guerra não apenas como uma série de eventos militares, mas como uma experiência humana multifacetada, permeada por sacrifícios, perdas e atos de compaixão.

Aleksiévitch (2016, p. 21) destaca também a angústia única enfrentada pelas mulheres no contexto da guerra: "No centro, sempre o fato de não querer morrer. E é ainda mais insuportável e angustiante matar, porque a mulher dá a vida. Presenteia. Carrega-a por muito tempo dentro de si, cria. Entendi que para as mulheres é mais difícil matar."

Essas mulheres, ao enfrentarem esse paradoxo de dar e tirar vidas, carregam um fardo único, onde as dimensões emocionais da guerra se entrelaçam com as complexidades de suas identidades como mulheres e como combatentes.

Francisco Cabral e Margarita Diaz (1998, p. 2) observam:

Outro dos eixos onde se constrói e se concretiza a desigualdade entre homens e mulheres é a reprodução. A mulher pode gerar um filho, e isto que em si é uma fonte de poder tem sido controlado e tem determinado outros papéis diminuindo as possibilidades e limitando a vida das mulheres em outros âmbitos, como por exemplo, no campo do trabalho.

Essas duas perspectivas se entrelaçam ao mostrar como a capacidade de dar vida, que deveria ser uma fonte de poder para as mulheres, é muitas vezes controlada e usada para limitar suas oportunidades em diversos âmbitos, incluindo o combate. Na guerra, isso se traduz na dificuldade adicional enfrentada pelas mulheres ao serem colocadas em situações onde são forçadas a matar, um ato que vai contra a construção social de seu papel como doadoras de vida.

Neste contexto, Ritanna Armeni em seu livro: *As Bruxas da Noite*, a história não contada do regimento aéreo feminino russo durante a segunda guerra mundial traz à luz os desafios únicos enfrentados pelas "Bruxas da Noite" durante a Segunda

Guerra Mundial. Desde o processo de seleção para o Regimento aéreo do exército vermelho, a autora aponta que essas mulheres já enfrentam obstáculos únicos por serem mulheres em um contexto predominantemente masculino. Ao chegarem à seleção um jovem militar diz: “Companheiras, aonde estão indo? Agora vão colocar em vocês as botas e o uniforme; vocês vão ficar feias e não vão mais encontrar nenhum rapaz para leva-las ao cinema.” (Armeni, 2019, p. 59). Essa fala ilustra o sexismo e a falta de reconhecimento enfrentado pelas mulheres desde o início de sua jornada como aviadoras militares. Os desafios se estendiam à vestimenta, conforme descrito pela última “Bruxa”, Irina:

As calças são encurtadas, em muito; (...) os cinturões não servem para nada. Melhor uma corda para segurar as calças na cintura. Seja como for, o casaco vai cobrir tudo. As camisas são um problema: longas e largas, precisam ser cortadas e apertadas (...) Depois, há os gorros: como arrumar as longas tranças debaixo deles? os lados? É a vez das botas. Tamanho mínimo: 43, pé máximo: 37;" (Armeni, 2019, p.84-85)

Esses relatos evidenciam não apenas as dificuldades práticas enfrentadas, mas também a necessidade de adaptação constante a um sistema que negligencia suas necessidades básicas, como ilustrado na afirmação: “O exército não fornece roupas íntimas femininas” (Armeni, 2019, p. 91)

A relação entre roupas e identidade pessoal e social é profunda e multifacetada. Andrade (2006) destaca que as roupas "têm sua biografia, uma vida social, cultural, política e mantém relações com outros objetos e com pessoas" (Andrade, 2006, p. 1). Quando Andrade se refere à "biografia" das roupas, ele está enfatizando que elas têm um histórico e um contexto que moldam como são percebidas e usadas. Por exemplo, um uniforme militar não é apenas uma peça de vestuário; ele carrega significados relacionados à hierarquia, ao poder e à identidade profissional. Este conceito se manifesta de maneira particularmente vívida no relato de Ritanna Armeni sobre as "Bruxas da Noite", as aviadoras do regimento aéreo feminino russo durante a Segunda Guerra Mundial. Essas mulheres enfrentaram desafios únicos, não apenas pelo contexto predominantemente masculino em que estavam inseridas, mas também pela inadequação das roupas fornecidas pelo exército. No caso das "Bruxas da Noite" descrito por Armeni (2019), o conceito de Andrade ajuda a entender como a inadequação das roupas fornecidas pelo exército não era apenas um problema de conforto ou praticidade. Ela também simbolizava a falta de consideração e respeito pelas mulheres, afetando sua identidade e a maneira como eram vistas dentro do contexto militar. A dificuldade em encontrar roupas que se ajustassem adequadamente às suas necessidades e corpos contribuía para a sensação de exclusão, além de forçar as mulheres a se adaptarem de maneiras criativas e muitas vezes desconfortáveis.

As mulheres do regimento improvisaram soluções criativas para lidar com equipamentos e uniformes que não eram projetados para se adequarem ao seu corpo, incluindo o uso de faixas para aumentar o tamanho dos pés e adaptá-los às botas.

Enquanto são examinadas durante o processo de treinamento, as mulheres sentem os olhos dos oficiais sobre si, como se fossem animais estranhos. Não são recebidas com sorrisos ou brincadeiras, mas com um olhar carregado de desconfiança refletido nos olhos dos observadores. Armeni (2019, p. 92-93) aponta:

Elas imaginaram o pior (...) No entanto, a hostilidade dos oficiais, a ironia dos soldados e o ceticismo dos comandantes não haviam sido levados em

conta. Elas não tinham imaginado o escárnio nem os olhares maldosos que as acompanhariam.

Esse ambiente de desconfiança e descrédito, permeado pela falta de apoio e respeito por parte dos superiores, criou uma atmosfera adversária e solicitante para as mulheres do regimento. Elas enfrentaram não apenas as dificuldades físicas e técnicas do treinamento, mas também o constante julgamento e preconceito de seus colegas e superiores. Essa falta de reconhecimento e apoio institucional intensificava o peso do desafio que enfrentavam.

A desigualdade de gênero, assim como outras formas de diferenciação social, é um fenômeno estrutural com raízes complexas, instituído social e culturalmente de tal forma que se processa cotidianamente de maneira quase imperceptível (Cabral & Diaz, 1998, p. 67). No contexto do treinamento militar, esse fenômeno se manifesta através da hostilidade e desconfiança enfrentadas pelas mulheres, o que reforça a desigualdade existente entre homens e mulheres.

O treinamento é duro: em tempos normais, seria de três anos; no caso delas, diante da emergência da guerra, não pode durar mais de seis meses. Para as pilotas e as navegadoras são previstas 500 horas de voo, dez vezes as dos homens. As jovens ocupam-se catorze horas por dia, dez de estudo e três ou quatro de exercícios militares. As mecânicas trabalham até quinze horas. As condições meteorológicas não são sequer consideradas: as pilotas devem habituar-se a tudo. (Armeni, 2019, p. 101).

A necessidade de adaptação rápida e a exigência de horas intensas de estudo e prática moldaram um grupo de mulheres altamente competentes e prontas para atuar nas condições mais adversas. Essa rotina extenuante não permitia descanso. A pressão era constante, não apenas pelas exigências físicas e técnicas, mas também pela necessidade de estarem sempre prontas para o inesperado. Armeni (2019, p. 103) observa que:

A tensão era tanta que não conseguiam dormir. Não tinham certeza se no dia seguinte conseguiriam recomeçar. Precisavam lutar contra as vertigens, a exaustão e o medo; precisavam cerrar os dentes e continuar como se estivessem bem. Além do mais, nem as noites eram tranquilas. De vez em quando, Marina Raskova mandava soar o alarme, exigindo que se vestissem e estivessem prontas em cinco minutos. Uma delas tentou contornar o problema vestindo o uniforme sobre a camisola, mas, quando descoberta, foi obrigada a marchar com as pernas nuas na pista do aeroporto, sob o vento gelado. Uma vergonha da qual todas queriam poupar-se.

As integrantes do 588^o Regimento tinham uma profunda admiração por Marina Raskova, reconhecendo nela a firmeza de uma verdadeira líder. Ela estava presente em todas as situações, orientando e corrigindo os erros de suas subordinadas, e enfrentava de frente os momentos de fraqueza e crise. Para elas, Marina era uma lenda e uma fonte de inspiração e coragem. Como descreve Armeni (2019, p. 60):

Em 1941, comunicar para um grupo de garotas russas que estão para encontrar Marina Raskova é como anunciar a um grupo de adolescentes americanas que falarão com a sua diva preferida de Hollywood ou, nos anos 1960, dizer a um grupo de jovens que sairão para jantar com John Lennon.

Esse reconhecimento é ainda mais significativo considerando a trajetória de Raskova até alcançar tal prestígio. Demonstrou habilidades excepcionais como líder, destacando-se por sua inteligência e determinação. Estudou química e foi admitida no laboratório da Academia da Força Aérea, desafiando as normas de gênero da época. Ao deixar o laboratório para se tornar piloto, enfrentou o amargo cálice da desconfiança masculina. Esses obstáculos fortaleceram sua resolução e inspiraram ainda mais suas seguidoras. Armeni (2019, p. 62) destaca: “As moças (...) sabem que ela, no mundo machista da aviação, não perdeu o controle e sempre realizou seu trabalho de modo impecável, conseguindo o brevê de pilota e navegadora.”

Após assumir o posto de aviadora e responsável pela formação de pilotos, Raskova enfrentou a desconfiança de seus colegas. No entanto, ao final de seu curso, foi reconhecida por sua competência, recebendo um esplêndido buquê e uma frase que marcaria sua trajetória: “Temos que admitir que uma mulher pode pilotar tão bem quanto um homem. As mulheres podem tudo.” (Armeni, 2019, p. 62).

Um momento emblemático da resiliência e coragem de Raskova é ilustrado por um diálogo entre ela e uma das “bruxas” do regimento, recordado por Irina.

Durante a conversa, Marina pergunta à soldada sobre seus receios em enfrentar o inimigo. A resposta decidida da soldada reflete não apenas sua própria determinação, mas também a influência positiva de Raskova como líder e mentora.

Armeni (2019, p. 103) relata: Marina: “Está com medo de ir para a linha de frente? Sabe que o inimigo vai atacá-la?” Soldada: “Não, sou eu quem vai atacá-lo primeiro.”

No centro de treinamento aeronáutico, onde as mulheres lideradas por Raskova se preparavam para enfrentar o inimigo, encontraram uma atitude hostil por parte de seus colegas homens. Inicialmente, essa hostilidade parecia ocasional, talvez associada à surpresa diante da presença feminina em um ambiente tradicionalmente masculino. No entanto, à medida que os treinamentos avançavam, a animosidade se tornava mais evidente, assumindo formas diretas e até violentas. Os soldados, os oficiais e os instrutores as observam sem nenhuma indulgência, muitas vezes com um preconceito injustificado. Armeni (2019, p. 107) observa:

Consideram-nas mulherezinhas frívolas, cheias de caprichos, e não economizam no escárnio, nas risadinhas, nos olhares de superioridade. As meninas da Raskova sofrem com isso e reagem do único modo possível: evitando com determinação todo contato com eles; simplesmente decidem evitá-los.

Esse tratamento hostil foi exacerbado por uma percepção depreciativa e uma resistência sistemática. O regimento das meninas da Raskova foi denominado de “regimento das tolinhas”, e a percepção de que poderiam ser um fardo levou os altos dirigentes a considerarem sua utilização mínima. Um alto oficial chegou a comentar: “Talvez no meio de uma ação comecem a chorar e a gritar ‘mamãe’”, e a decisão foi adiar a primeira ação de guerra em pelo menos duas semanas (Armeni, 2019, p. 128). Além disso, os instrutores aplicavam uma pressão desproporcional sobre as mulheres, evidenciada pelo tratamento severo e pelas punições que enfatizavam qualquer pequena falha, ao contrário do tratamento mais indulgente reservado aos homens. Armeni (2019, p. 109):

Eles também consideram as meninas da Raskova Mulherezinhas que foram para ali por um acaso ou um capricho qualquer; um incômodo que estorva o curso normal do treinamento militar, feito de gritos, impropérios, palavras vulgares, ordens despóticas e punições. Com as moças, os instrutores não podem permitir-se excessos, não é consentido. Os comandantes foram

claros: devem conter-se, mudar seu comportamento. Então, vingam-se. Submetem-nas à pressão, mais do que fariam com um homem; não deixam passar o menor erro, ressaltam toda fraqueza, toda desatenção; as pequenas falhas, quando cometidas pelas meninas da Raskova, logo se tornam graves erros. Assim, o mal-estar e a desconfiança aumentam.

Esse fenômeno ilustra como as mulheres enfrentaram uma dualidade de desafios: a hostilidade direta e a desconfiança generalizada. Tais atitudes refletem a herança de uma história tradicionalmente praticada que negligenciava as contribuições femininas. A história positivista, herdeira do Iluminismo, centrava-se em fontes administrativas, diplomáticas e militares, nas quais as mulheres eram raramente representadas, como apontado por Elizabeth Fox-Genovese, citado por Pedro e Soihet (2007, p. 284). Além disso, como Perrot (1998, p. 9) salienta:

(...) as mulheres, em primeiro lugar, são vistas, descritas e representadas pelos homens. Trata-se em seguida de imaginar as mulheres através desses depoimentos. Isso implica um trabalho de análise crítica e desconstrução da linguagem e das imagens, que faz parte dos métodos atuais de decifração dos discursos e dos quais a história das mulheres é parte integrante no mais alto ponto. Ela serve-se dos mais contemporâneos materiais e instrumentos para atender às suas próprias necessidades.

A crença de que falar sobre os homens seria equivalente a contemplar as mulheres é uma falácia, pois o homem branco ocidental é o principal representado nesse modelo histórico (Duby; Perrot, 1990, p. 9). A ausência e o silêncio da experiência feminina na história refletem uma abordagem que negligencia as contribuições e vivências das mulheres, reforçando a necessidade de uma análise mais inclusiva e crítica das narrativas históricas.

Esse fenômeno demonstra como as relações de gênero são moldadas por normas sociais profundamente arraigadas e estruturais, que se manifestam de maneira quase imperceptível, mas têm um impacto significativo na experiência cotidiana das mulheres (Cabral; Diaz, 1998, p. 67).

No final de maio, chegou à ordem tão desejada para que as aviadoras deixassem o centro de Engels e fossem para o front meridional, na linha de fogo entre Voroshilovgrad e Rostov. Entretanto, como aponta Armeni (2019, p. 125-126):

Todos juntos, os aviões levantam voo de Engels: guiados por Marina Roskova, formam uma fileira geométrica, compacta, um V que se sobressai no céu límpido. Assim, nessa ordem, que já mostra experiência, disciplina e controle (...), entretanto, na última meia hora de voo, ocorre o imprevisto. As mulheres que pilotam os Polikarpov veem alguns aviões se aproximarem. Quem são? Parecem aviões soviéticos, têm a estrela vermelha na lateral. Mas então, o que estão fazendo no céu? (...) Talvez não foi a estrela vermelha o que viram na lateral dos aviões, talvez fosse uma suástica.

A ordem desejada por Marina, e que até então tinha seguido com diligência, acaba se rompendo. Dois Polikarpov, dos quais os caças tinham se aproximado muito, temem o ataque direto e tentam evitar o perigo. Ganham altura e, quando percebem que estão sendo seguidos, voltam para baixo. A manobra assustada e desalinhada dos dois aviões fragmenta definitivamente a formação. São minutos de confusão e medo, até que ocorre outro fato inexplicável: assim como chegaram, os caças se afastam. Somente então as jovens compreendem que foram objeto de uma brincadeira de mau gosto: sabendo de sua chegada, alguns companheiros quiseram pregar-lhes uma peça, provocá-las, mostrar quanto ainda são fracas e despreparadas, incapazes de enfrentar o inimigo. De fato, por não esperarem ser flanqueadas por nenhum avião, elas foram tomadas pelo

pânico e não conseguiram se controlar. O mal já está feito, e a chegada a linha de frente é humilhante, aterrizam desordenadamente, e quando descem dos Polikarpov veem grupos de pilotos e oficiais rindo: “Suas tontas, não sabem distinguir a estrela vermelha de uma suástica” – é o comentário mais benevolente.

Armeni sublinha a gravidade dessa situação ao afirmar que elas: “Sabem muito bem que confirmaram os piores preconceitos contra si próprias: que são mulheres choronas, medrosas e sem experiência, que não serão capazes de enfrentar os refletores e a artilharia antiaérea inimiga.” (Armeni, 2019. P, 127)

Marina Raskova, em um momento de apoio, reconhece a importância de manter a confiança frente a essas adversidades e destaca a falta de um regimento exclusivamente feminino, sublinhando o espanto e a resistência dos homens em aceitar a presença feminina em papéis de destaque. Ela afirma: “Não permitam que a desconfiança encontrada até aqui atinja vocês. Nunca existiu um regimento exclusivamente feminino. Ainda que vocês e eu não achemos nada estranho nisso, os homens ficam surpresos.” (Armeni, 2019, p.127)

A experiência das Bruxas da Noite na guerra foi marcada por desafios e superações que refletem tanto a coragem quanto a opressão enfrentada por essas mulheres. Isso reflete a ideia de que “as mulheres são oprimidas pelo fato de serem mulheres pela sua womanhood” (Pisticelli, 2001, p.4)

A luta constante para manter a identidade feminina em um ambiente de guerra é evidente quando uma das ‘bruxas’ reflete: “Gastei 11 rublos em um creme. Para quê, afinal? Só para me lembrar de que sou uma mulher...” (Armeni, 2019, p.105). Piscitelli (2001, p. 5) aponta: “o corpo feminino era uma pré-condição necessária para a permanência da opressão patriarcal”. A necessidade de lembrar e afirmar sua feminilidade em um contexto dominado pela masculinidade reflete a resistência contra a opressão sistemática. O corpo feminino, com suas particularidades, é essencial para a manutenção das estruturas de poder patriarcais. Isso significa que as características físicas e biológicas das mulheres são usadas pelo patriarcado para legitimar a opressão. Essa ideia pode ser observada em várias esferas, como na objetificação do corpo feminino, na imposição de padrões de beleza, no controle sobre a reprodução e na atribuição de certos papéis de gênero baseados em características biológicas. Esses aspectos são utilizados pelo patriarcado para manter as mulheres em posições subordinadas e para justificar a desigualdade.

A visão histórica predominantemente masculina acabou por silenciar as mulheres para beneficiar a si mesma. Isso reflete uma dinâmica de poder que vai além da produção historiográfica e inclui a atuação dos governos, que frequentemente ocultam informações que poderiam prejudicar sua imagem, independentemente do número de vítimas ocultas e silenciadas, como aponta Pollak:

Muitas vezes também o silêncio das vítimas internadas oficialmente nos campos por motivos outros que não políticos reflete uma necessidade de fazer boa figura diante das representações dominantes que valorizam as vítimas da perseguição política mais que as outras (POLLAK, 1989, p. 15)

Armeni (2019, p. 111) aborda: Natalya sussurra a Irina: “Estou orgulhosa de que entre nós não haja homens.”. Esse sentimento é uma resposta direta à exclusão histórica das mulheres das esferas de poder e prestígio. Piscitelli (2001, p. 7) destaca: “o patriarcado, assim como outras explicações da origem e as causas da

subordinação feminina, tinha o objetivo de demonstrar que a subordinação da mulher não é natural e que, portanto, é possível combatê-la." O regimento exclusivamente feminino é um exemplo de como as mulheres podem desafiar e redefinir as estruturas patriarcais.

Apesar do cenário de desconfiança por parte dos soldados e comandantes do exército vermelho, Armeni (2019, p. 133) aponta que: "Na segunda noite de guerra, o número de voos das mulheres do 588^o é quase igual ao de um regimento masculino, e além da dor, que permanece profunda, pela primeira vez nasce em cada uma das meninas da Raskova a consciência de possuírem uma força e o estímulo para demonstrá-la por inteiro." A capacidade dessas mulheres de igualar e até superar os homens em missões de combate demonstra a determinação e habilidade das mesmas.

A rotina extenuante dos bombardeios noturnos testou os limites físicos e emocionais das Bruxas da Noite. "Todas as noites as bruxas voam e bombardeiam. Sem trégua, sufocando as lágrimas e o cansaço. Resistindo aos momentos terríveis, quando são ofuscadas pelos refletores, ensurdecidas pela artilharia antiaérea e cercadas pela escuridão." (Armeni, 2019, p.155) A sobrevivência dependia não apenas de habilidade, mas também da solidariedade e confiança mútua. "Se não houver amizade, empatia e uma relação de confiança entre a piloto e a navegadora, com um avião como o Polikarpov é fácil esfacelar-se no solo, incendiar-se ou cair atrás das linhas inimigas." (Armeni, 2019, p.155)

A guerra é vivida e interpretada de maneiras distintas por homens e mulheres, essa diferença pode ser analisada a partir das seguintes experiências relatadas por Irina:

Quando entraram na Prússia Oriental, encontraram nas árvores próximas à fronteira cartazes escritos pelos prisioneiros russos. Diziam: 'Vamos nos vingar'. E estão cumprindo. Muitos têm nos bolsos os nomes e endereços dos alemães que, durante a ocupação, destruíram suas casas, mataram e violentaram. Agora querem encontrá-los. Querem restituir o medo e o horror sofridos por seu povo. Assim, saqueiam e queimam as casas abandonadas, atacam todos aqueles que encontram, estupram as mulheres do odiado inimigo. À violência pode-se finalmente responder. (Armeni, 2019, p.212)

Este relato evidencia uma resposta violenta e retaliatória dos homens, motivada pelo desejo de vingança e pela necessidade de infligir dor ao inimigo. A guerra, vista por esse prisma, é um ciclo de destruição onde a brutalidade é usada para ajustar contas e manifestar poder.

Em contraste, a experiência das Bruxas da Noite oferece uma perspectiva diferente sobre a guerra. "Também acontecera de um dia, enquanto as bruxas preparavam o almoço, alguns alemães famintos se aproximaram para pedir comida e elas simplesmente lhe oferecem, como se fosse normal e natural fazê-lo. Não os consideraram inimigos naquele momento nem temeram alguma armadilha." (Armeni, 2019, p.217)

Esta cena revela uma abordagem mais humanitária e compassiva, onde a guerra não apaga a empatia e a solidariedade. As aviadoras, mesmo em meio ao conflito, conseguem ver a humanidade dos soldados inimigos, mostrando que, para elas, a guerra não anula a possibilidade de atos de generosidade e compreensão. Essa diferença de atitude reflete uma visão de mundo que transcende a violência cega, sugerindo que a experiência feminina da guerra inclui a capacidade de ver o outro não apenas como um inimigo, mas como um ser humano em sofrimento.

Contudo, a guerra apresentava desafios adicionais para as mulheres. Apesar da empatia e da humanidade demonstradas pelas aviadoras, elas também enfrentavam ameaças constantes, tanto do inimigo quanto de seus próprios compatriotas. Armeni (2019, p. 213) aponta:

Stalin emitiu uma ordem na qual dizia que a população dos países ocupados não deveria ser sujeita à violência, que as relações sexuais com as mulheres dos territórios libertados não eram permitidas e que os estupradores seriam fuzilados, já era difícil impor qualquer limite. Até mesmo as bruxas foram advertidas: não deveriam andar sozinhas, pois também corriam o risco de serem agredidas. A violência contra a mulher não conhecia fronteiras.

A violência sexual contra mulheres e crianças marcou a história, sendo praticada como uma estratégia deliberada de guerra em conflitos ao redor do mundo e ao longo dos séculos, estendendo-se até o presente, com ocorrência até mesmo em locais de refúgio e nos momentos de repatriação. "Embora atualmente as violências dessa natureza sejam reconhecidas como crimes de genocídio e crimes contra a humanidade, elas continuam acontecendo com grande frequência nos contextos de conflito e guerra" (Gallindo e Viana, 2022, s/p). Historicamente, relatos e referências às violências cometidas contra as mulheres são encontrados em vários conflitos, mitologia e escritos religiosos. Uma prática comum em guerras é a pilhagem ou butim, que inclui a violação de mulheres como parte da espoliação dos bens dos inimigos. "Ao longo do tempo, o estupro foi sendo naturalizado nos conflitos armados, tornando-se uma ferramenta de dominação, exploração e desestabilização, onde as mulheres das comunidades derrotadas eram muitas vezes vistas como prêmio para os militares" (Gallindo e Viana, 2022, s/p).

Enquanto os homens, guiados pela sede de vingança, perpetuam o ciclo de violência e opressão, as mulheres, representadas pelas Bruxas da Noite, introduzem nuances de empatia e compaixão na narrativa da guerra. Essas diferentes perspectivas ressaltam a complexidade das experiências humanas em tempos de conflito e a necessidade de uma análise que inclua todas as vozes e vivências. Ao longo da história, as mulheres foram alvo de atrocidades, suscetíveis a diversos tipos de crimes que muitas vezes foram naturalizados e encobertos.

Armeni (2019, p. 112) ao entrevistar Irina, destaca:

Passados 75 anos desde os dias em Engels, não tem nenhuma intenção de fazer vista grossa para a hostilidade masculina, não quer que seja esquecida, não a considera um elemento secundário em relação às dificuldades encontradas no início do caminho, e sim uma parte essencial da história das jovens.

É crucial reconhecer que essa hostilidade foi uma parte significativa das dificuldades que as mulheres enfrentaram durante a guerra. As experiências das mulheres na guerra são frequentemente caracterizadas por uma dupla luta: contra o inimigo externo e contra o sexismo e a violência de seus próprios compatriotas.

As Bruxas da Noite não se limitaram a cumprir suas missões; elas se esforçaram continuamente para superar as expectativas impostas a elas. Como descreve Irina, citada por Armeni (2019, p.168), "Fizemos um máximo de 325 voos em uma noite e queríamos fazer cada vez mais. Vinte e Três mil em toda a guerra. Sim, claro por patriotismo, mas também porque queríamos superar os homens". Essa dedicação não era apenas uma questão de serviço patriótico, mas também um

meio de afirmar sua capacidade e competência em um ambiente dominado por homens.

A determinação das Bruxas da Noite em não apenas competir, mas se destacar, é evidente nas palavras de uma das participantes, que observa: “Os homens combatiam por dever e, por isso, obedeciam cegamente às ordens. Nós não queríamos ser iguais, queríamos ser melhores; queríamos fazer mais e melhor. Por isso, todo dia aumentávamos o número de saídas. As nossas meninas choravam quando eram dispensadas de algum voo. Concentradas no objetivo, não ouviam as vozes masculinas que repetiam: ‘Quando menos se voa, mais se vive’” (Armeni, 2019, p. 169)

O impacto psicológico e emocional da guerra sobre as Bruxas da Noite também é evidente na forma como lidavam com o próprio status e a percepção que os inimigos tinham delas. O termo "Bruxas da Noite", inicialmente pejorativo utilizado pelos alemães, foi adotado pelas aviadoras como um símbolo de sua resiliência e eficácia, mostrando como elas reverteram a hostilidade em um emblema de orgulho e força:

Depois descobrimos que os alemães nos chamavam de bruxas da noite, Nachthexen! Termo que também pode ser traduzido como ‘Magas da noite’. Mas eu gosto, nós gostávamos de dizer bruxas e pensar que nos definiam assim porque não conseguiam nos derrubar – conta a velha senhora” (Armeni, 2019, p. 178).

Eric Hobsbawm (1995) oferece uma análise sobre como a guerra se aproximou do fim. Segundo Hobsbawm, a derrota da Alemanha Nazista foi um resultado inevitável uma vez que a guerra não se resolveu rapidamente, como Hitler esperava. O autor afirma: “Uma vez que a guerra russa não se decidira em três semanas, como Hitler esperava, a Alemanha estava perdida, pois não estava equipada nem podia agüentar uma guerra longa” (Hobsbawm, 1995, p. 38)

Hobsbawm detalha que a capacidade industrial e econômica das potências envolvidas, especialmente a União Soviética e os aliados ocidentais, desempenhou um papel crucial na derrota da Alemanha. A partir da Batalha de Stalingrado, a vitória soviética foi um ponto de virada decisivo, e a persistência dos Aliados garantiu que a derrota da Alemanha fosse apenas uma questão de tempo: “De Stalingrado em diante, todo mundo sabia que a derrota da Alemanha era só uma questão de tempo.” (Hobsbawm, 1995, p. 38).

A capacidade das potências Aliadas em mobilizar recursos e força militar foi um fator determinante para o colapso final do regime nazista. O avanço implacável das tropas soviéticas e a crescente pressão sobre as forças do Eixo resultaram na eventual rendição da Alemanha e no fim da Segunda Guerra Mundial.

Após o término da guerra, o tratamento das Bruxas da Noite, reflete uma transição complexa do campo de batalha para a vida civil. De acordo com Armeni (2019), o desmantelamento do regimento das Bruxas da Noite foi um momento carregado de emoção e decepção para as combatentes: “Em 15 de outubro de 1945, Yevdokia Bershanskaya reúne as moças e lê a ordem de dissolução. Muitas não conseguem segurar as lágrimas” (Armeni, 2019, p.229).

A dissolução do regimento marcou o fim de uma era de combate e um retorno forçado às normas de gênero tradicionais. Armeni descreve como, apesar do heroísmo e das condecorações recebidas, as mulheres foram incentivadas a retomar papéis domésticos e de trabalho que haviam sido temporariamente abandonados durante a guerra:

Era chegado o momento de pôr de lado uma experiência excepcional e dolorosa para todos. Nesse momento, as combatentes tinham uma nova missão: servir a pátria como ‘mulheres e mães’ e – obviamente – como força de trabalho nos muitos lugares de produção que a guerra havia privado de homens (Armeni, 2019, p.227).

Além disso, Armeni (2019, p. 224) observa que, apesar das contribuições significativas das Bruxas da Noite, onde as mesmas realizaram “23 mil voos, 1.100 noites de combate” onde muitas delas perderam a vida, como reflete Armeni (2019), “Muitas delas já não existem, desapareceram no céu. Ninguém – Pensa Irina – poderá dizer que a guerra fez concessões às mulheres. Mesmo no número de quedas em batalha, alcançou-se a igualdade” (Armeni, 2019, p. 225), ainda assim, houve uma resistência à sua permanência em papéis não tradicionais, refletindo uma preferência pela volta ao status quo pré-guerra:

É que os homens da pátria socialista não querem mais as mulheres nos papéis que assumiram durante a guerra. Embora tenham lutado de maneira extraordinária, embora muitos as tenham elogiado, embora tenham sido condecoradas com a mais importante insígnia, preferem que voltem ao seu lugar (Armeni, 2019, p.234).

Essas observações destacam a tensão entre o reconhecimento do heroísmo feminino e as expectativas sociais normativas. Mesmo após terem desempenhado papéis cruciais durante o conflito, as mulheres enfrentaram um retorno a papéis tradicionais que minimizavam suas contribuições e capacidades. Esse fenômeno revela a complexidade da reintegração das mulheres no pós-guerra e a persistência das normas de gênero, mesmo em uma sociedade em transformação.

Após o conflito, a sociedade esperava que as bruxas retornassem a seus antigos lugares. Os papéis deveriam ser restaurados e reconstruídos. Dizem que já deram tanto, que a pátria não quer que continuem a se extenuar em tarefas que eram – e é bom que voltem a ser – dos homens (Armeni, 2019, p. 227). Essa transição é ilustrada pelo sentimento de abandono experimentado por muitas combatentes: “Enquanto eu corria o risco de morrer, era adequada à Força Aérea e à vida militar. Depois, com a paz, já não precisavam mais de mim” (Armeni, 2019, p. 233).

Essa luta pela aceitação em papéis não tradicionais continua até os dias de hoje. Um exemplo recente pode ser encontrado em uma notícia publicada no JusBrasil, onde passageiros pediram para descer de um avião ao descobrirem que a comandante e copiloto eram mulheres. Esse incidente ressalta a persistência dos estereótipos de gênero e a resistência à mudança, mesmo após décadas de contribuições femininas significativas em várias áreas, incluindo a aviação militar e civil.

A reintegração das Bruxas da Noite no pós-guerra reflete uma tensão duradoura entre a capacidade comprovada das mulheres em desempenhar funções críticas e a pressão social para retornarem a papéis tradicionais. Apesar de seu heroísmo e sacrifício, essas mulheres enfrentaram uma sociedade que estava ansiosa para restabelecer as normas de gênero anteriores à guerra. Esse fenômeno destaca a complexidade da luta pela igualdade de gênero e a necessidade contínua de desafiar e redefinir as expectativas sociais sobre o papel das mulheres na sociedade.

5 CONCLUSÃO

A análise das Bruxas da Noite no contexto da Segunda Guerra Mundial revela não apenas a importância de seu papel no conflito, mas também a complexidade das questões de gênero que emergiram dessa experiência histórica. A partir da contextualização histórica de Eric Hobsbawm, compreendemos como a guerra e as extremas necessidades do período possibilitaram a formação de um regimento exclusivamente feminino, quebrando temporariamente as normas de gênero da época. Esse cenário único trouxe à tona desafios imensos, enfrentados pelas aviadoras soviéticas.

A construção da imagem da bruxa, abordada por Zordan, oferece um paralelo entre as mulheres perseguidas na Inquisição e as aviadoras soviéticas. Ambas desafiaram as expectativas de seu tempo, e a designação de "bruxas" tanto na era medieval quanto no século XX ilustra a persistência de estereótipos de gênero que punem a transgressão feminina. Este paralelo destaca a resistência e a redefinição dos papéis femininos em tempos de crise.

No campo da memória, como discutido por Le Goff, o processo de lembrar e esquecer é influenciado por fatores socioculturais que determinam quais narrativas são valorizadas. As Bruxas da Noite, apesar de suas significativas contribuições, foram em grande parte relegadas ao esquecimento, pressionadas a retornar a papéis tradicionais de mães e esposas. Esse retorno forçado sublinha as dificuldades que as mulheres enfrentam para consolidar seus lugares em esferas tradicionalmente masculinas.

É crucial reconhecer que as mulheres podem ser traídas pela história quando esta é escrita predominantemente por homens. Mesmo participando ativamente e contribuindo de forma significativa, suas histórias muitas vezes são silenciadas ou minimizadas. Analisar esses conflitos a partir de vozes femininas nos oferece novas lentes para compreender não apenas as dinâmicas de gênero, mas também as complexidades e nuances que as narrativas tradicionais frequentemente omitem. Isso nos permite valorizar as contribuições femininas de maneira mais completa e justa, proporcionando uma visão mais rica e diversificada da história.

Através desta análise, percebemos que as experiências das Bruxas da Noite refletem um quadro mais amplo de desigualdade de gênero que persiste até os dias atuais. Exemplos contemporâneos, como a desconfiança de passageiros em relação a pilotas mulheres, demonstram que os desafios enfrentados pelas aviadoras soviéticas não são meros resquícios do passado, mas questões vivas que continuam a impactar as percepções e oportunidades das mulheres.

Diante dessa realidade, futuras pesquisas poderiam explorar mais a fundo as interseções entre gênero e memória, analisando como as narrativas de outras mulheres em conflitos armados ao redor do mundo são construídas e lembradas. Investigações sobre o papel das mulheres em diferentes contextos bélicos e suas representações na cultura popular poderiam enriquecer nosso entendimento sobre a memória coletiva e as expectativas de gênero.

Portanto, o estudo das Bruxas da Noite não apenas ilumina um capítulo crucial da história militar e de gênero, mas também nos convida a refletir sobre as contínuas lutas das mulheres por reconhecimento e igualdade. Ao homenagear suas contribuições e resgatar suas histórias do esquecimento, reafirmamos a importância de uma memória histórica inclusiva que valorize todas as vozes e experiências.

REFERÊNCIAS

- AGOSTINHO DA SILVA; Thaisa Daniel. **A luta das mulheres japonesas, coreanas e chinesas contra o silêncio da escravidão sexual vivido na Segunda Guerra Mundial (1939-1945)**. Trabalho de conclusão de curso (Graduação em História) – Universidade Estadual da Paraíba (UEPB), Guarabira, 2022. Disponível em: <https://dspace.bc.uepb.edu.br/jspui/bitstream/123456789/28305/1/PDF%20-%20Thaisa%20Daniel%20Agostinho%20da%20Silva>. Acesso em: 4 ago. 2024.
- ALEKSIÉVITCH, Svetlana. **A guerra não tem rosto de mulher**. Editora Companhia das Letras, 2016.
- AMER, H.; SPRENGER, J. **O martelo das feiticeiras – Malleus maleficarum**. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 1991.
- ANDRADE, Rita. **Por debaixo dos panos: cultura e materialidade de nossas roupas e tecidos. Tecidos e sua conservação no Brasil: museus e coleções**. São Paulo: Museu Paulista da USP (2006).
- ARMENI, Ritanna. **Bruxas da Noite: A História não Contada do Regimento Aéreo Feminino Russo Durante a Segunda Guerra Mundial**. Editora Seoman, 2019.
- BEAUVOIR, Simone de. **O segundo sexo**. Tradução de Sérgio Milliet. São Paulo: Difusão Européia do Livro, 1970.
- BORGES, Valdeci Rezende. "História e literatura: algumas considerações." *Revista de teoria da história* 3.1 (2010): 94-109.
- CABRAL, Francisco; DÍAZ Margarita. "Relações de gênero." secretaria municipal de educação de belo horizonte; fundação Odebrecht. *Cadernos de afetividade e sexualidade na educação: um novo olhar*. Belo Horizonte: Gráfica e Editora Rona Ltda (1998): 142-150.
- COSTA, Thiago de Oliveira; BARBOSA, Maria Clara de Souza. **Educação e práticas culturais na escola: perspectivas e desafios**. *Hydra*, São Paulo, v. 9, n. 1, p. 53-70, jan./jun. 2020. Disponível em: <https://periodicos.unifesp.br/index.php/hydra/article/view/13687/10206>. Acesso em: 1 ago. 2024.
- DE ALBUQUERQUE JÚNIOR, Durval Muniz. "O Tecelão dos Tempos: o historiador como artesão das temporalidades." (2009).
- DUBY, Georges; PERROT, Michelle; RODRÍGUEZ, Marco Aurelio Galmarini. **Historia de las mujeres en Occidente**. Taurus, 1991.
- HOBBSAWM, Eric. **Era dos extremos: o breve século XX**. Editora Companhia das Letras, 1995.
- LE GOFF, Jacques. **História e memória**. Editora da UNICAMP, 1990.

LIEBEL, Sílvia. **Demonização da mulher: A construção do discurso misógino no Malleus Maleficarum**. In: Anais do Encontro Nacional da ANPUH - 2014. Disponível em: <https://www.eeh2014.anpuh-rs.org.br/resources/napuhpr/anais/ixencontro/comunicacao-individual/SilviaLiebel.htm>. Acesso em: 10 mar. 2024.

NÓBREGA, Elielma da Silva. **Segunda Guerra Mundial e o impacto na História de Picuí – PB: Memória, Modernidade e Mineração (1943-1945)**. 2020. Trabalho de conclusão de curso (Graduação em História) – Universidade Estadual da Paraíba (UEPB), Campina Grande, 2021. Disponível em: <https://dspace.bc.uepb.edu.br/jspui/bitstream/123456789/26128/1/TCC%20%20Elielma%20da%20Silva%20N%c3%b3brega.pdf>. Acesso em: 10 jul. 2024.

OCI – Observatório de Conflitos Internacionais. **A vulnerabilidade das mulheres em contexto de conflito internacional. Universidade Federal de Pernambuco (UFPE)**, 8 ago. 2022. Disponível em: <https://sites.ufpe.br/oci/2022/08/08/a-vulnerabilidade-das-mulheres-em-contexto-de-conflito-internacional/>. Acesso em: 2 ago. 2024.

GOMES, Luiz Felipe. **Mulheres no comando do avião: e passageiros pedem para descer**. Jusbrasil, 5 mar. 2020. Disponível em: <https://www.jusbrasil.com.br/artigos/mulheres-no-comando-do-aviao-e-passageiros-pedem-para-descer/362324008>. Acesso em: 2 ago. 2024.

PEREIRA, Luzia da Cruz. **A participação da Paraíba na Segunda Guerra Mundial: a atuação no posicionamento político e na Força Expedicionária Brasileira (1942-1945)**. Trabalho de conclusão de curso (Graduação em Relações Internacionais – Universidade Estadual da Paraíba (UEPB), João Pessoa, 2023. Disponível em: <https://dspace.bc.uepb.edu.br/jspui/bitstream/123456789/29388/1/TCC%20%20Luzia%20da%20Cruz%20Pereira>. Acesso em: 4 jun. 2024.

PERROT, Michelle. **Os excluídos da história: operários, mulheres e prisioneiros**. Editora Paz e Terra, 2017.

PISCITELLI, Adriana. **Re-criando a (categoria) mulher**. A prática feminista e o conceito de gênero. *Textos Didáticos* 48 (2002): 7-42.

POLLAK, Michael. **Memória, esquecimento, silêncio**. *Revista estudos históricos* 2.3 (1989): 3-15.

SCOTT, Joan Wallach; LOURO, Guacira Lopes; DA SILVA, Tomaz Tadeu. **"Gênero: uma categoria útil de análise histórica de Joan Scott"**. *Educação & realidade*. Porto Alegre. Vol. 20, n. 2 (jul./dez. 1995), p. 71-99 (1995).

SOIHET, Rachel; PEDRO, Joana Maria. **A emergência da pesquisa da História das Mulheres e das Relações de Gênero**. *Revista Brasileira de História* 27 (2007): 281-300.

ZORDAN, Paola Basso Menna Barreto Gomes. **Bruxas: figuras de poder**. *Revista Estudos Feministas* 13 (2005): 331-341.

AGRADECIMENTOS

À força maior que rege o universo, que guiou e iluminou meu caminho até aqui.

Ao meu irmão Diego, por acreditar em mim sem reservas, meu porto seguro.

À minha mãe Josemagna, minhas irmãs Maria Eduarda e Maria Clara e ao meu Avô, meu pai, José Leite, pelo apoio incondicional e amor inestimável. Vocês foram essenciais para que eu pudesse seguir firme no caminho.

Aos amigos que a UEPB me deu, Brenno, Eduardo, Matheus e Neilma, que tornaram a caminhada mais leve.

À minha amiga Rafaella Ramalho, que foi minha dupla desde o início do curso, sempre ao meu lado. Obrigada por todas as manhãs juntas, pelas risadas que aliviaram os momentos mais tensos, pela amizade incondicional e por cada momento compartilhado ao longo dessa jornada. Sua companhia tornou esse caminho mais leve e especial, e sou profundamente grata por tudo o que vivemos e construímos juntas.

À minha querida amiga Valdeane (*in memoriam*), que trouxe luz aos meus dias e cuja inteligência brilhante e paixão pela história nunca serão esquecidas.

Ao meu namorado Talles Eduardo, pelo carinho e paciência. Sua crença em mim e seu apoio foram fundamentais, você é muito importante para mim.

À universidade Estadual da Paraíba (UEPB), pela oportunidade de crescimento e aprendizado. Agradeço as professoras Patrícia Cristina de Aragão e Natalia Ramos Amorim por aceitarem participar da banca, e à professora Talita Rosa Mística, que foi uma luz no meu caminho acadêmico, mesmo sem perceber.

Por fim, um agradecimento especial ao meu orientador, Gildivan Francisco das Neves, por todo o conhecimento compartilhado, pelas leituras enriquecedoras e pela paciência em me guiar nesta jornada.